

O Planeta das Traseiras

(O Planeta dos Fundos)

Uma Antologia de contos sobre Marte



LIVE

Maria Helena Bandeira

Gabriel Bozano

Keith Brooke

Jorge Candeias

João Ventura

*Prefácio de
João Barreiros*

*inclui também uma
introdução do organizador
e notas bibliográficas dos
autores*

Título: O Planeta das Traseiras / O Planeta dos Fundos

Organização: Jorge Candeias

Capa: Gabriel Bozano / Jorge Candeias

Revisão: José Saraiva / Jorge Candeias

Publicado originalmente em: E-nigma Antologias (2002)

Os e-books editados pelo E-nigma são publicados por acordo com os seus autores e o *copyright* permanece na posse do autor. A reprodução destes e-books é livre se e só se o texto se mantiver inalterado e sob a forma original deste PDF, e na medida em que não haja aproveitamento comercial. A cópia, aluguer ou qualquer outra transacção destas publicações a troco de dinheiro está expressamente proibida.

Editor: E-nigma (www.ficcao.online.pt/E-nigma) / Jorge Candeias

Edição n.º: NE-4/2003

Ajude o E-nigma a oferecer-lhe cada vez mais e melhor literatura fantástica. Veja como em www.ficcao.online.pt/E-nigma

Índice

Índice.....	3
Introdução (<i>Jorge Candeias</i>)	4
Prefácio (<i>João Barreiros</i>)	6
No vento frio de Tharsis (<i>Jorge Candeias</i>)	9
Para Sempre Marte (<i>Maria Helena Bandeira</i>)	16
Crónica Marciana ou A Explicação da Guerra (<i>João Ventura</i>)	27
O caso Subuel Mantil (<i>Jorge Candeias</i>)	31
MARS TV (<i>Gabriel Bozano</i>)	43
Bem-vindos ao Planeta Verde (<i>Keith Brooke</i>)	54
Notas Bibliográficas	65

Introdução

As regras para quem queria ser incluído nesta antologia eram simples. Deveria escrever ou recuperar dos seus arquivos um conto curto sobre o planeta Marte. O desafio esteve posto aos autores de FC lusófonos durante vários meses, e o britânico Keith Brooke foi suficientemente simpático para, também ele, corresponder ao pedido, demonstrando que nem só de autores lusófonos vivem estas antologias.

O resultado foram seis contos, escritos de formas muito diferentes por autores com grandes diferenças quer no estilo, quer nas abordagens que seleccionaram, quer mesmo no grau de experiência na arte de passar ao papel o que ronda a sua imaginação. Contos em que a ficção científica predomina, numa vertente mais *soft* que *hard*, mas que não monopoliza, de tal modo que também a magia e os velhos deuses do Olimpo conseguiram neles um lugar. Curiosamente, foram seis contos inéditos. Ninguém ressubmeteu a esta antologia contos já publicados anteriormente, nem mesmo o Keith Brooke, cujo *Bem-vindos ao Planeta Marte* terá aqui a sua primeira aparição pública, e logo em tradução.

É esta uma antologia de contos curtos, com até 3000 palavras. Esse facto tornou desde logo impraticáveis grandes exercícios de construção de mundos, que pura e simplesmente não cabem neste formato. Por isso, estes contos são, na sua maioria, contos de situação ou de momento, com uma ou duas personagens e um planeta Marte apenas esboçado nas suas características, ou até apenas presente como fulcro quase escondido de histórias que se decorrem principalmente noutros lados. É este o caso de *Bem-vindos ao Planeta Marte*, é este o caso de *O Caso Subuel Mantil*, é este o caso de *MARS TV* e é este o caso de *Crónica Marciana*, ou a

Explicação da Guerra. Histórias sobre Marte que não se passam em Marte? E por que não? Se quiséssemos apenas histórias *passadas* em Marte, tê-las-íamos pedido assim.

Feitas as contas às nacionalidades, temos três contos portugueses, dois brasileiros e um inglês, os sobreviventes de um processo de selecção que deixou de fora, por vários motivos, sete submissões. Como extra, temos também um prefácio do João Barreiros, que bem tentou escrever um conto para esta antologia mas que quando deu por si já as três mil palavras tinham subido a mais de trinta mil, e que nos fala, no prefácio, de outros Martes que encheram páginas e mais páginas nos livros de ficção científica do passado.

Nós gostamos destes seis contos, e esperamos que vocês também gostem.

Jorge Candeias

Prefácio

João Barreiros

Todos vocês conhecem Marte. Conhecem as ruínas das civilizações extintas. Já visitaram os templos. Os palácios afundados num mar de pó vermelho. Já confraternizaram com princesas ovíparas. Já chegaram a defender-lhes a honra, de espada desembainhada. Num bar esquecido, algures no vale Marineris, beberam uns copos com um musculoso Northwest Smith e trocaram mexericos de como seria possível amar uma prostituta vampira, entre sedas, veludos, coxins e uma cabeleira de Medusa. Enquanto isso, lá fora, sob a luz de um rápido crepúsculo, barcaças deslizam a esmo nos canais semi-secos. Casas de cristal cintilam sobre fontes de lava. Marcianos imitam amantes humanos, filhos desaparecidos dos homens da Terra, e depois morrem, vítimas destes contactos íntimos e de uma vulgar pneumonia. Maridos marcianos ciumentos, matam homens com balas que são vespões vivos. Ou vivem acoitados nas profundidades freáticas, junto aos derradeiros lençóis de água de um planeta moribundo, planeando invasões, olhando a Terra através de telescópios como quem investiga friamente as convulsões de uma amiba na lamela de um microscópio. Os Marcianos estão lá todos, numa infinidade de formas possíveis, ainda à nossa espera, frágeis como um sonho. Estão lá os monstros do nosso imaginário, a desfazerem-se em cinza, ténues como uma miragem, enquanto os humanos, positivistas e politicamente correctos, queimam os derradeiros livros a meio caminho da Terra. É por isso que a Astronave Biblioteca se “suicida” ao poisar em Marte, porque consultou o arquivo de livros e não o arquivo de mapas. Confusa, perante uma multiplicidade de civilizações possíveis, sem conseguir destrinçar o

verdadeiro do falso, tombou de lado vítima do assalto dos nossos imaginários e tornou-se em mais um mistério para o Piloto Pirix investigar. Marte é um lunaparque onde os robôs descontrolados das ficções de Burroughs escoltam os turistas. Marte é o lugar onde a cidade Esmeralda de Oz cintila ainda levando os incautos astronautas a abrir os escafandros julgando que voltaram a um mundo de ar e florestas. Marte é o lugar onde a nanotecnologia renasce a partir de uma gota de água.

Ou Marte é um mundo seco com um rosto de um macaco a sorrir e com uma civilização de nanócitos à espera de uma providencial bomba atômica para voltar a por em órbita a nave naufragada. Marte é um mundo terraformado onde locomotivas atômicas apitam na noite frígida. Marte é um deserto gélido onde Mamutes clonados mastigam os fungos que conseguem arrancar ao solo. Marte é uma ditadura vermelha de colonos chineses e de bioformas em vias de extinção cíclica. Marte é uma colônia penal onde a única fuga possível é a morte por anoxia. Marte é o lugar dos obeliscos atmosféricos e da luta de um povo de avídeos contra um povo de humanos biotransformados.

Todos vocês conhecem Marte. Todos sabem que a Terra foi “invadida” por Marte há milhões de anos por criptobactérias no interior de meteoros. Todos vocês sabem que é de lá que vêm os insuportáveis homenzinhos verdes. Todos sabem como é fácil, para os poetas decadentes, combaterem por amor, em pleno céu ocre, armados de falsas asas. E esta tristeza, esta melancolia por um passado ou futuro que nunca existiu, levamos a desejar voltar a este planeta irmão, tão seco, tão amorfo, tão indiferente à amplitude dos nossos sonhos.

Talvez seja por isso que os autores desta mini antologia marciana, como se fossem vítimas de um curioso erro de paralaxe, pouco falem de Marte. Talvez por receio ou pudor, quem sabe? Talvez porque estejam poisados sobre os ombros de gigantes. Talvez porque ao falar de Marte, estejam a acrescentar um novo estrato geológico às ruínas do nosso imaginário. Como aquela cidade petrificada de Max Ernst. Ou muito

simplesmente, porque o último a colocar a derradeira carta sobre o castelo já montado, corre o risco de ver tudo desabar. Quem sabe? A FC é um género necrófago por excelência.

E Marte está cheio de cadáveres.

PS. Todos os exemplos aqui citados provêm de livros sobre Marte. Juro. Quais são eles perguntam vocês. Aha! Não digo. O verdadeiro prazer está na descoberta das verdades entrevistadas.

No vento frio de Tharsis

Jorge Candeias

Tim Santos esperava o vento.

Havia já quase uma hora que estava empoleirado naquele lugar, tão perto do céu rosáceo de Marte que era como se bastasse esticar o braço para tocá-lo. Visto de longe, Tim não passava de um ponto refulgente, como que coroando a ponta daquela agulha de rocha baça. De longe não se via nem cinto nem arnês, nem as cordas que lhe ligavam o corpo à asa gigantesca que por enquanto estava vazia de vento, repousando ainda meio dobrada na plataforma à sua frente. De longe viam-se apenas os reflexos que fazia no seu fato o mundo que o rodeava, cacos deformados do sol, do céu e dos vales e montes que constituíam o solo, imagens distorcidas de trezentos e sessenta graus e muitos quilómetros quadrados do Marte que se estendia em torno de si.

De perto, vislumbrava-se-lhe por detrás da máscara a luz dos olhos. Olhava para ocidente, com insistência. Procurava nas ondulações do grande planalto de Tharsis algum sinal do prometido vento. Um fio de pó, um remoinho, um tremeluzir quase invisível da atmosfera.

Se olhasse para oriente, lá para baixo, para o fundo do vale, veria ainda as últimas voltas pachorrentas do aeroplano que o trouxera para ali enquanto se ia aproximando lentamente de Umbra. Se estivesse menos frio e pudesse descobrir a cabeça, conseguiria ainda ouvir o ronronar longínquo do seu motor, sobrepondo-se ao silêncio de uma atmosfera sem vida onde não soprava uma aragem. Mas estavam muitos graus negativos naquele alvorecer do longo outono marciano, e assim, completamente recoberto pelo fato, só conseguia escutar o sopro surdo dos gases que circulavam no

espaço estreito que ficava por cima da roupa interior. Era um sussurro reconfortante, o murmúrio da vida, continuamente gerada pela película exterior fotossintética do fato e enviada até aos pulmões por minúsculas e levíssimas bombas, ventoinhas diáfanas mas resistentes, aspiradores quase invisíveis.

Mas para Tim Santos tudo isso se passava abaixo do limiar da consciência. Para ele, a maravilha tecnológica que o recobria era a sua segunda natureza, como que uma pele extra que lhe permitia sobreviver sempre que saía das cúpulas em missão e, também, havia já dois anos marcianos, dedicar-se ao *hobby* que escolhera.

— *Amélia, vou para Marte.*

— *Calha bem, querido. Assim apanho boleia metade do caminho até Júpiter.*

— *Não brinques, Amélia. Falo a sério.*

— *Claro que falas a sério, querido. Mas enquanto estás por aqui passa-me o sal, sim?*

Tim só tinha olhos para a chegada do vento. Só tinha ouvidos para o rádio, de onde poderiam chegar a qualquer momento novas informações provenientes da estação meteorológica de Deimos. Só tinha atenção disponível para mais uma verificação aos cabos, aos arneses, às presilhas, à botija de ar de reserva, obrigatória para a eventualidade de avaria no fato ou de um esforço físico que tornasse necessário mais fluxo de oxigénio do que aquele que as pequenas máquinas moleculares podiam fornecer, uma botija especial, levíssima, meio vazia para diminuir o peso e aumentar a sustentação.

Tim Santos esperava o vento.

Já vinha atrasado, o vento. Aquele vento típico das Nascentes do Vale, um vento frio e seco, entre aragem e furacão, um vento que se se pudesse cheirar evocaria a lava fria das vertentes dos três vulcões gémeos de

Tharsis. Lá em baixo, em Umbra, chamavam-lhe Siroco, um nome a uma vez irónico e reconfortante. Para Tim era apenas o seu vento, o seu companheiro de todas as folgas, um sopro de vida que tardava para a sua asa.

Vinha já atrasado, o vento. Costumava ser pontual, costumava começar a afagar a vela assim que Tim terminasse as verificações de segurança, levantando-o no ar logo em seguida num misto de força bruta e suavidade, como que com cuidado para não magoar ou rasgar.

Por isso, Tim olhava insistentemente para ocidente, como que pedia ao seu vento para vir ter com ele, interrogava-se sobre o que lhe teria acontecido, que encontro inesperado o poderia ter retido.

Um sopro finíssimo de poeira no ar, lá longe por detrás de uma colina, e logo outro e outro ainda, pequenas nuvens que se elevavam no ar cada vez mais próximas, cada vez mais nítidas. Tim soltou um meio sorriso. Era o seu vento que chegava, como que respondendo ao seu apelo mudo.

— *Amélia, vou para Marte.*

— *Sim, querido, já me tinhas dito.*

— *Mas tu ainda não acreditas no que te digo.*

— *Isso é uma pergunta?*

— *Amélia, eu vou mesmo para Marte.*

— *Claro que vais, Tim, claro que vais...*

O vento enfunou primeiro uma dobra da asa, logo depois outra, e pouco a pouco, sopro a sopro, foi-a desdobrando, erguendo no ar. Agora, Tim já não pensava em nada que não fosse o movimento que teria de fazer em seguida. Procurava apenas manter um controlo rígido sobre os panos, escolhendo uma corda após outra e puxando, ou dando mais folga, ou sacudindo para que mais uma que outra dobra se soltasse e lançasse ao ar, enfunando-se e aumentando a pressão sobre o resto da asa e o passageiro, diminuindo o peso do conjunto, tornando mais próxima a descolagem.

De súbito, uma rajada mais forte agarrou na vela com as mãos cheias, e Tim deixou de sentir o chão debaixo das botas. Voava. Era por fim um com a sua asa, um com o seu vento, um com todo o planeta, suspenso sobre o abismo a quilómetros do chão.

— *Amélia, vou para Marte.*

— *Bolas, Tim, que chato!*

— *Desculpa. Mas tens de te convencer de que eu vou mesmo para Marte.*

— *Tim, nem tu és o Schwarzenegger nem eu sou a Sharon Stone nem nós estamos num filme antigo. Portanto pára com isso!*

Manobrou para se afastar da falésia, mergulhando, ganhando velocidade, e descrevendo depois uma longa curva para voltar a subir, de frente para o vento que soprava agora firme e gelado. Sorriu de novo, sem disso ter consciência, ao ver a nuvem de poeira que se dissipava devagar no topo da agulha onde estivera pouco antes, o último vestígio da descolagem. À sua frente, a Nascente do Vale subia, irregular, até Tharsis, mostrando ao universo as suas camadas, a história completa dos sedimentos e depósitos de lava de Marte. Lá muito em baixo, em Umbra, a sombra do amanhecer persistia e a cidade vislumbrava-se de uma forma indistinta, numa penumbra criada pela luz reflectida nas paredes do desfiladeiro e pontuada pelas lâmpadas que iluminavam as poucas ruas e edifícios que subiam à superfície sob a cúpula.

Depois da ansiedade acumulada na espera pelo vento, Tim sentia-se contemplativo, num contraste paradoxal com o estado de espírito em que deveria estar se a mente obedecesse sempre aos ditames da teoria. Por isso, em vez de se lançar à aventura, limitou-se a vogar durante longos minutos, apreciando a paisagem, tentando evitar que o seu olho profissional entrasse em acção ao percorrer as rochas do desfiladeiro e começasse a separar automaticamente os basaltos das ortopiroxenites e estas das argilas mais

antigas, a catalogar as suas infindas variedades, tentando evitar que os tiques e manias da profissão que adoptara lhe estragassem o dia de folga.

Quando percebeu que estava a olhar havia quase um minuto, franzindo o sobrolho, para um tipo raro de olivina que se projectava de uma cornija, sacudiu o torpor descrevendo uma curva, voltando as costas à distracção e começado a treinar as manobras habituais.

— *Amélia, vou para Marte. Está aqui o bilhete. Parto amanhã.*

— *Mas porquê, Tim? Que te fiz eu?*

— *Tu nada, Amélia. É só que...*

— *É que o quê? Explica-me pelo amor do que quiseses, que amor por mim está visto que não tens nenhum...*

— *Não é isso Amélia. Eu... desculpa-me, mas tenho mesmo de ir. O problema não és tu, sou eu.*

— *Que problema, Tim? Explica-me! Que...*

Durante as horas que se seguiram, Tim não permitiu que nada lhe penetrasse a concentração. Concentrado na vela, no seu próprio corpo, nos efeitos que os seus movimentos causavam no voo, e principalmente no vento, antecipava cada rajada, aproximava-se da falésia para se afastar em seguida, em queda ou em ascensão, fazendo curvas apertadas, ameaçando *loopings*, mas na soma de todos os movimentos caindo sempre, cada vez mais, como se fosse passageiro de uma montanha russa feita de ar. Porque ali, tão acima do solo do fundo do Vale, não havia correntes ascendentes de ar quente que se pudessem aproveitar e só o vento dava sustentação à sua asa.

Tim Santos escolhera um divertimento arriscado. Era a sua forma de sentir-se vivo, agora que o pioneirismo dos primeiros anos da colonização marciana terminara e viver no planeta cor de ferrugem era já quase tão seguro como na velha Terra.

— *Não nasci para isto, Amélia. Não fui feito para a rotina...*

— *Rotina? Que rotina, caramba? Nós estamos sempre em movimento, não paramos nunca. Quantos empregos já tu tiveste nos últimos dois anos? Chamas a isto rotina?*

A princípio ainda havia o risco. Cada saída das cúpulas era uma saída para o desconhecido, um potencial encontro com o inesperado. Mas a pouco e pouco, a vida foi-se banalizando, os trilhos foram-se formando, a paisagem marciana foi-se tornando cada vez mais familiar, os perigos reais foram identificados e catalogados e os imaginários descartados. A pouco e pouco a exploração cedeu lugar à experimentação metódica e planificada. A pouco e pouco as normas de segurança tomaram primazia. A pouco e pouco a tecnologia foi-se tornando cada vez menos falível.

Viver em Marte tornara-se quase a forma familiar de viver, especialmente dentro da segurança das cúpulas onde se podia olhar para cima de cabeça descoberta e sentir o sol bater na cara através do céu rosado, respirando um ar quase sem cheiros.

Por isso, Tim voava. Só ali se sentia completo, separado da atmosfera ténue e irrespirável do planeta por uma película fina de tecido repleto de tecnologia de ponta, sozinho com o vento, sujeito aos caprichos das rajadas, capazes de agarrá-lo e atirá-lo de encontro às rochas, despedaçá-lo no solo, desfazê-lo em bocadinhos pequenos demais para recuperar, muito para além da capacidade de reparação do centro médico de Umbra ou dos cirurgiões com fama de magos de Pathfinder.

— *Sou um pioneiro, Amélia. Aqui na Terra já não há nada onde possa ser o que sou.*

— *Nem mesmo nas fossas profundas?*

— *Não, nem mesmo aí. Ninguém vai lá abaixo, Amélia. Só enviam robots. Os homens ficam a ver, sentados nos gabinetes, ligados à rede.*

— *Tim, por favor...*

— *Não me prendas, Amélia. Aqui sou infeliz. E tu não me queres infeliz, pois não?*

Naquele dia, no entanto, o vento soprava suave e as rajadas eram apenas fortes o suficiente para arrancar das paredes do Vale fiapos do pó lá depositado pela última tempestade de areia.

Tim aproveitou para levar a vela ao limite. Aproximou-se das paredes do desfiladeiro até à distância de um sopro, lançou-se em voos picados e acrobáticos, espirais, sinusóides, alternou quedas quase livres com voos quase horizontais. Fez da descida o que quis.

Cinco horas mais tarde pisou o fundo do Vale. Esperava a euforia habitual de um voo bem executado. Ainda soltou um par de gritos. Mas estava apenas a cumprir um ritual, e por detrás da máscara, a face que espreitava era melancólica, defraudada, insatisfeita.

Sinalizou à Rede Local a sua posição e enquanto esperava o transporte que o vinha buscar, deixou o olhar vogar para cima, para a nascente do Vale, para a agulha de pedra de onde saltara. Voltaria lá em breve.

— *Não acredito que seja só isso, Tim. Que é que tu procuras? Que é que tu procuras realmente?*

Para Sempre Marte

Maria Helena Bandeira

Acordo e olho para cima. Em vez das esperadas folhas da floresta amazônica, um teto liso, iluminado por uma luz esbranquiçada.

Por um momento fui tomado pela sensação angustiante de perda de identidade. Durante alguns segundos não soube quem era, onde estava, perdido numa bruma que foi, aos poucos, se diluindo, à medida que voltava a memória dos fatos recentes.

Não estava em minha casa em New New York com seus holopainéis amazônicos. Não há holopainéis aqui e isto é lógico. Apenas paredes e teto branco, um leito macio e a impessoalidade dos locais de passagem.

Jogo fora o cobertor climatizado e sento na cama. Também não há falsas janelas para criar a ilusão de estar ainda em solo firme. Nada aqui sugere as comodidades psicológicas da Terra. É como tem que ser, consideradas as circunstâncias.

A luz se acende sobre a porta e uma voz suave acaba de me despertar:
“Seu café da manhã, senhor.”

Praguejei mentalmente. Porque solicitei refeições ao toque? Agora, cada vez que colocar os pés na prancha metálica do *room-service* ao lado da cama, terei que pagar por coisas que não consumirei. Na verdade, descobri, espantado, que estava com fome. Dormira algum tempo, (consultei o mini-comp de pulso) exatamente oito horas, desde a chegada à nave e meu estômago, pela primeira vez nos últimos dias, dava sinais de vida.

“Entre.” Destravei a porta.

Um jovem negro de excepcional beleza, com toda a certeza um andróide de última geração, entrou com a bandeja e colocou na mesa da saleta ao lado. Estava vestido como um oriental, quer dizer, a interpretação que a Companhia faz dos antigos trajes japoneses, com uma túnica dourada e preta, brilhante, algo soturna na combinação.

Estranha idéia eles têm sobre indumentária, decoração e serviços numa viagem destas... Enfim, nunca passara pela experiência antes, mas sabia que as coisas não iam ser fáceis, com qualquer moldura.

O escravo núbio cibernético me olhava com o olhar parado dos andróides de serviço. Esperava algum movimento de minha parte.

Levantei-me, sentei meu traseiro magro na cadeira confortável (sobre este item não havia o que reclamar — conforto era detalhe primordial nesta viagem) em frente à mesa.

Ele começou a virar as xícaras, retirar os acompanhamentos, colocou o leite, o café, passou manteiga e mel nas torradas, tudo na quantidade certa (para isto serviam, também, os intermináveis questionários pessoais que preencheram antes da viagem e que faziam parte do pacote da Companhia). Depois se inclinou à moda oriental e dirigiu-se para a porta.

Dar gorjetas a um andróide de serviço seria uma gafe e uma descortesia imperdoável. Minha mão, que já se dirigia imperceptivelmente a um bolso inexistente, parou no meio do caminho. Anos de convivência com os garçons humanos dos luxuosos drogars de New New York haviam me condicionado de tal maneira que me senti desconfortável, enquanto o elegante negro transpunha a porta do quarto.

Para meu espanto, a comida era excelente. As torradas exatamente como gosto, biscoitos, brioches, um pedaço de bolo de aipim (não esqueceram nada, os danados), o café e o leite na temperatura ideal.

Senti falta da música. Mas por pouco tempo. Logo os primeiros acordes da Sinfonia em Ré Menor de César Frank inundaram o quarto. Mal tive tempo de me recuperar da emoção, quando a mesma voz suave me

advertiu, enquanto um holograma ia se formando com as palavras sobre um estrado em frente a mim:

“Cerimônias religiosas —

Culto católico — Capela 1, plataforma S, setor Laranja

Cultos anglicanos e derivados — Capelas 2 a 10, plataforma S —
setor Laranja

Cultos israelitas — Capela 11, plataforma S, setor Verde...”

A voz continuava a repetir intermináveis anúncios de cerimônias para todos os cultos colocados nos questionários pelos participantes. Tinha que admitir: a coisa toda era de uma eficiência e um detalhismo oriental.

Não entendi muito bem porque me informavam os horários de todos os outros cultos, uma vez que já me catalogara como católico apostólico romano, ainda que bem mais romano do que apostólico na vida que levava ultimamente. Talvez se preparassem para a hipótese de uma conversão tardia a um outro credo ou para a necessidade de se proteger em todas as frentes. Quanto mais deuses vindo em nosso auxílio melhor. Era uma colocação pragmática.

O minicomp informa, com minha voz eletrônica, de que são 20 para as 9, horário da Pegasus. Resolvo ir à Missa Espacial. Não tenho mais nada para fazer mesmo. Será uma experiência, no mínimo, única.

A esteira do corredor me leva até a plataforma S, setor Laranja e, finalmente, após um labirinto de corredores brancos, ornados com uma fosforescente linha alaranjada, sou deixado em frente à porta da Capela F, esculpida com motivos católicos. Um Cristo entalhado em madeira me olha com piedade. Ao menos assim me pareceu.

Um arrepio percorre meu corpo, empurro a porta e entro.

A capela está bem cheia. Aqui há um holopainel no teto que se estende até o meio da parede, simulando um céu estrelado. O efeito é bastante convincente e uma tranquilidade se apodera de mim, mesmo contra a vontade. Talvez seja também efeito da música, do coral beneditino (onde diabos — perdão meu Deus — arranjam um coral beneditino?), do

cheiro de incenso e do imenso altar de mármore branco, diante do qual um padre com paramentos roxos inicia o ofício da Santa Missa.

Ajoelho-me, rezo e as lágrimas começam a correr em minhas faces, pela primeira vez em muitos anos.

O efeito desejado deve ser este mesmo.

O resto da cerimônia transcorria de forma tranqüila e algo tediosa. Impaciente, comecei a observar as pessoas ao meu redor. Todos vestiam as roupas dadas pela Companhia para a viagem — o macacão negro com enfeites violeta — que nos fazia parecer membros de uma tripulação soturna com destino ignorado.

Minha atenção foi despertada pela luz brilhando sobre os cabelos louros de uma jovem sentada quase em frente a mim. Ela se virou ligeiramente e vi que já a conhecia da chegada à nave. Quando fizemos a checagem das roupas e objetos pessoais que seriam devolvidos no fim da viagem. Naquela ocasião ela pareceu extremamente nervosa, destacando-se da massa apática e triste dos outros passageiros.

Senti curiosidade pelo objetivo dela, coisa que não me acontecera com os outros companheiros de jornada. Não apenas porque era bonita — e era — num estilo severo, a pele clara como um modelo da antiguidade renascentista, os olhos sombreados por cílios tão espessos que não havia como definir sua cor. Em todos estes detalhes eu reparara no check-in, por isto a reconhecia tão facilmente. Ela me intrigava porque era diferente de nós. Sua postura, seus gestos nervosos, um ligeiro tique nas sobrancelhas, os dedos que tamborilavam no balcão.

Alguns outros também olharam para ela naquela ocasião, mas pareceram desagradados com sua atitude. Há um acordo tácito entre os passageiros e a tripulação no sentido de virarmos sombras. No sentido de escapar à tentação da individualidade. E aquela moça, com seu aparente desespero, nos incomodava, trazia de volta, com o eu desperto, um sentimento amortecido.

Desviei o olhar dos cabelos que balançavam suavemente. Pareceu-me ouvir soluços quase imperceptíveis e isto me irritou. Concentrei-me na voz suave e algo monótona do padre na homilia. Tudo que dizia eram banalidades, mas era o que precisávamos por enquanto.

Quando a missa acabou, num impulso que eu mesmo não sei explicar, dirijo-me à jovem que acaba de cruzar a porta entalhada:

“Não sei se estou quebrando alguma etiqueta marciana, mas gostaria de conversar com você.”

Ela me olhou, espantada, como se voltasse de uma viagem a algum lugar longínquo e, com dificuldade, focalizou em mim um olhar atordoado:

“Pois não?”

Sua voz era gentil, com a gentileza indiferente das pessoas treinadas em lidar com o público.

“Gostaria de conversar com você... quer dizer... estou me sentindo meio sozinho... esta viagem, tudo que nos cerca... os motivos, os métodos, sei lá... acho que senti necessidade de falar com alguém. Desculpe... não sei se foi uma boa idéia... não quero atrapalhar... “

Fiquei ali parado, como um idiota, dividido entre a tentação de ficar, mesmo enfrentando a frieza de uma recusa e a vontade de fugir, correr para o meu quarto onde me sentiria outra vez explicado.

Mas ela sorriu, clareando o saguão sombrio com aquele simples gesto quase mecânico.

“Também me sinto só. É estranho tudo aqui. É minha primeira vez...”

Eu já suspeitava e respondi, também sorrindo:

“A minha também. A primeira vez é mais difícil.”

Pessoas passavam por nós e pareciam nos olhar com desconfiança e censura, mas não me importava. Depois de muitos meses, neste momento tinha consciência de mim, ou melhor, consciência de ser alguém separado da dor e do desespero.

Caminhamos para o salão comunitário do andar. Como eu previa, estava vazio e poderia, talvez, fazer algo que já me parecia tão distante de

mim que nem sabia se ainda seria capaz de realizar — conversar com outro ser humano, especialmente uma mulher.

Outra vez percebi que, finalmente, conseguira pensar nesta palavra sem sofrer.

Olhei para o distintivo brilhante que ela trazia no peito e que a identificava como passageira. Estava escrito: LARA (TERTIA NONUS — ALEXANDRÓPOLIS) Uma cria de Alexandrópolis! Que incrível coincidência! Fúlvia também fôra clonada lá. Eu não pertencia à linhagem dos clones, era um humano absoluto, meus pais biológicos preferiram a sorte. Foi minha herança por ter nascido de dois artistas famosos da cena holográfica de New New York. Excentricidade permitida às celebridades do *showbiz*. Não sei precisar até que ponto isto me tornou singular. Nunca me senti menos capaz do que os outros e, profissionalmente, minha diferença me ajudou a ser o mais criativo publicitário da UNIC. Estou aqui com meus próprios recursos, o que não parece ser o caso da maioria. Quase todos são sócios do PASEM (Para Sempre Marte), plano pago pelos empresários como forma de ter funcionários presos a si pelo resto da vida.

Lara me olhou espantada, pois eu estava quase rindo — uma heresia, consideradas as circunstâncias.

—oOo—

Desembarco em Marte com Lara, atravessando os túneis envidraçados que permitiam ver o que cinquenta anos de colonização terrestre tinham feito pelo planeta vermelho. Havia uma vegetação luxuriante sob a semi-esfera, que quase não era percebida na claridade artificial da manhã. Nada da aridez desoladora que ainda existia em grande parte do planeta. Tudo parecia claro, perfeito, como um quadro campestre. Um funcionário nos indicou o Hotel na Semi-esfera 3 onde éramos aguardados nos aposentos selecionados previamente pela Companhia Marciana.

Seguimos de mãos dadas, com a intimidade que partilhávamos desde a nave. Amar Lara havia sido fácil ali, como seria em New New York. Éramos ambos romanos. Não havia porque fingir preconceitos. Silenciosamente agradei a meus pais por ter nascido patrício e não servo. A vida dos clones de serviço era bem pior que a dos andróides. E ainda havia toda aquela questão da castidade que estava sendo discutida no Parlamento — clones de serviço podem ter vida sexual ativa? Tudo bobagens. Foram criados para servir e não reclamavam, porque esta demagogia em torno do assunto? É só uma questão de angariar mais votos para o Conselho. Eles mesmos não estão nem aí para os políticos. São dóceis e meigos como cordeiros. Como cordeiros... um arrepio me percorreu a espinha, justamente quando o andróide de serviço na portaria conferia na máquina nossas credenciais. Não era negro, mas de aparência oriental. Sorria protocolarmente e nos passou o cartão do quarto duplo que encomendamos.

Haveria uma certa ironia naquele sorriso?

Acho que não. Andróides não costumam ter sutilezas. A ironia é própria dos patrícios e dos clones superiores. Na verdade, nunca se sabe o que pensam os andróides. Novamente um arrepio me percorreu.

O hotel era luxuoso, mesmo para os padrões terrestres, embora austero, mantendo o dourado e o violeta da nave. Eu só queria entrar, tomar um banho aromatizado de vapor e amar Lara pela primeira vez em solo marciano. Ela olhou para mim e parecia estranha, distante. Eu também estava distante, eu também me sentia estranho. Mas não queria pensar no que nos aguardava.

—oOo—

Lara me acorda antes da voz artificial:

“Querido...”

Gostava de ouvi-la me chamar assim. Parecia tão anacrônico e tão longe da realidade que nos cercava...

“...Está na hora.”

A realidade voltou, brutal, diante de mim. Levanto-me num pulo, evitando tocar na maldita prancha metálica. Não quero pagar por um café que nenhum de nós pretende tomar. Olho meu rosto no cristal reprodutor e amplio minha imagem até mostrar a menor imperfeição a ser corrigida pelo laser cosmético. Apesar de tudo minha aparência é razoável. Programara rosto sem barba para toda a viagem e não precisava me preocupar com este aspecto mesquinho que os andróides adoram cultivar. Não sei porquê, apreciam o ato de fazer a barba. Penso que o renascimento cotidiano dos pelos lhes dá uma ilusão de humanidade. Sei lá o que se passa por estas cabeças estranhas.

Lara sai do banheiro radiosa como sempre, um produto perfeito da engenharia genética.

Estou me sentindo amargo. É compreensível. Ela também parece triste e defendida. Abracei-a quase maquinalmente e entrei no banheiro para terminar de me arrumar.

Quando a voz inundou o quarto, já estávamos prontos para descer. Tomamos a esteira rolante e nos dirigimos ao saguão. Havia muita gente lá, todos em um silêncio quase assustador, organizados em fila, nos trajes preto e violeta da Companhia Marciana. Fomos identificados e nos dirigimos a nossos lugares no grupo.

Alguns iam para estágios inferiores. Eram os trabalhadores de categoria mais simples. Outros, a chamada classe média oriente-americana, ficaria nos estágios intermediários. Lara, como eu, fôra encaminhada ao nível superior. Espantei-me um pouco porque, embora romana e patricia, não parecia pertencer à elite. E aquele era um luxo para poucos. Procurei disfarçar e nos dirigimos na esteira para o grande edifício da Partida, uma construção baixa e maciça. Bela e soturna como convinha. Não tinha os

rebuscamentos de alguns exemplares da arquitetura marciana, apenas alguns vitrais coloridos, quebrando a monotonia dos cinzas.

O pavilhão destinado à elite tinha uma entrada separada, um arco perfeito de mármore negro onde a esteira mergulhava como na goela de um dragão.

Segurei a mão de Lara. Estava gelada. Eu também sentia um frio no estômago e suave como se não estivesse num ambiente perfeitamente climatizado.

Logo após o arco da entrada, entramos num grande corredor dourado, esculpido com motivos barrocos. Colonial, pensei. Lembrava ainda as aulas de Arquitetura da Antiguidade do Centro Integrado. Um período que me parecia tão longínquo como as próprias volutas das paredes. Um tanto opressivo, embora belíssimo. Não havia música neste trecho e agradei por isto, nem sei bem porquê. A esteira percorreu lentamente o corredor e o brilho dourado se refletia em nós. Tinha a sensação de fazer parte de um grupo de estátuas de bronze. Ninguém fazia o menor movimento, a tensão era palpável como uma névoa triste em torno de nós.

Finalmente, atingimos o salão principal, recoberto até o teto de uma espécie de veludo negro.

Olhei para os outros. Umas vinte pessoas, no máximo. Todos calados como peixes. Entramos e nos sentamos nas confortáveis poltronas, dispostas em semi-círculo, diante do estrado negro e violeta.

Havia cerimônias individuais, mais caras, mas não me achava em condições de agüentar uma dor solitária. Acompanhado, de alguma forma, a coisa parecia menos terrível. Pedira apenas, como um favor especial, que fosse o primeiro. Seria atendido, claro. Para isto serviam conhecimentos e parentescos.

Meus nervos estavam tensos a ponto de se rasgar. O coração bateu acelerado quando as luzes se apagaram e a música foi iniciada. Não reconheci aquela melodia, tristíssima, que lembrava as canções árabes de séculos atrás. Deve ter sido feita especialmente para a cerimônia. Do alto

surgiu uma luz suave, branca, quase fantasmagórica, que iluminou o estrado, e dele foi subindo, de forma quase irreal, a figura delicada daquela que fôra o centro de meus pensamentos nos últimos anos.

Estava vestida com uma túnica branca, leve, apertada por um cinto de metal com pedras preciosas. Os cabelos escuros, presos por uma rede finíssima de pérolas, brilhavam. Ela tinha a aparência luminosa de antes da doença, com os lindos olhos azuis abertos, porém vagos. Um meio sorriso entreabria seus lábios e o aspecto todo era de uma jovem mulher sonhadora. Parecia viva e não congelada como estava, além da parede de vidro, tão fina que era impossível ser detectada, que nos separava da câmara de criogenia. Um trabalho verdadeiramente profissional.

Esta encenação era necessária para que os parentes ricos, ou os funcionários das empresas, continuassem a pagar as prestações do dispendiosíssimo plano Para Sempre Marte, garantindo que seus amados permaneçam lá, congelados, no Planeta Vermelho, à espera de um possível despertar, quando a ciência tiver vencido as doenças e a morte

Todos os associados têm direito a, pelo menos, uma viagem para rever os entes queridos.

Começo a me sentir estranho. Os ouvidos zumbem. Mil abelhas furiosas disputam espaço dentro deles. Meu corpo parece estranhamente plácido, mas uma dor se insinua no centro do plexo solar e se irradia para o braço esquerdo, sorrateira, uma enguia gelada de agonia.

A música se torna mais intensa, triste, totalmente apropriada para o momento e, no meio da minha impossível dor, mais uma vez, tive que reconhecer a eficiência deles.

Isto pouco antes de cair, morto, no chão brilhante do Auditório Número Um.

Agora estão me preparando para o congelamento. Sei de tudo e, no entanto, não estou lá. Meu cérebro preservado permanece aqui, junto de Flávia, no sofisticado Laboratório Marciano.

Algum dia nos reencontraremos. Eu e o meu corpo. Não sei se será um bom dia.

Tudo é possível no futuro. Até a felicidade.

Crónica Marciana

ou

A Explicação da Guerra

João Ventura

Quando Marte entrou nessa manhã no Olimpo, de cenho carregado, os deuses viram imediatamente que ele não estava satisfeito. Ao longe ainda podiam ouvir-se os ecos da trovoada que vinha na sua esteira. Pousou no chão a lança e o escudo e, tirando o capacete, colocou-o ao lado das armas.

Júpiter, reclinado no trono, bocejava; tinha andado na farra até altas horas e depenicava bagos de uva de uma bandeja ao alcance da mão esquerda, enquanto com a mão direita levava à boca, de quando em quando, uma taça de hidromel.

O grande salão tinha o aspecto habitual, enfeitado com grinaldas de rosas; ouvia-se o canto de aves de plumagem colorida; alguns deuses menores tocavam e dançavam, outros chapinhavam alegremente na piscina de água tépida e perfumada.

Indiferente ao ambiente, Marte avançou direito ao trono, as sandálias marcando um som cadenciado no chão de mármore branco, e à sua passagem as conversas iam morrendo, enquanto os deuses observavam o seu trajecto através do enorme salão.

Na presença de Júpiter, Marte disse:

— Preciso falar contigo, Pai dos Deuses! Em privado...

A vénia ritual foi quase imperceptível, mas Júpiter fingiu não reparar.

— Vamos ali para o escritório, disse Júpiter e, levantando-se do trono, dirigiu-se seguido por Marte para uma porta sobre a qual se lia “Conselho de Administração do Olimpo – Presidente”.

O ruído das conversas no grande salão voltou lentamente ao normal. Apenas Juno se foi deslocando lenta e disfarçadamente em direcção à porta, para tentar ouvir alguma coisa do que se passava do outro lado. Afinal, as mães preocupam-se sempre com os filhos...

— De que se trata então? perguntou Júpiter, sentando-se numa poltrona e indicando outra a Marte.

Este manteve-se de pé, mas a sua postura era mais de desafio do que de respeito.

— Queria falar-te sobre a distribuição dos planetas que fizeste.

O rosto de Júpiter ficou mais sombrio e apenas disse:

— Fala!

— Aceito perfeitamente que tenhas ficado com o maior deles todos, com 16 luas e uma mancha vermelha, linda! Que a Saturno, teu pai, tenhas dado o segundo maior, cheio de anéis, com 18 luas. Embora ele tivesse a mania de comer os filhos e tu tivesses escapado por pouco, mas pronto, sabes que eu sempre fui muito respeitador da família. Que a teu avô Urano tenhas dado o terceiro em tamanho. Concordo que tenhas oferecido a Vénus o mais brilhante, com as nuvens a reflectir o Sol, uma verdadeira jóia, fazendo jus à sua beleza. Plutão levou o mais pequeno, mas também, sempre debaixo do chão a tratar dos mortos, para que quer ele um planeta?

Júpiter mexeu-se impaciente na poltrona, sem perceber onde levava o discurso de Marte.

— Agora que teu irmão Neptuno, esse velho gágá, sempre a tropeçar no tridente, enrolado com ninfas e sereias, as barbas cheias de limos, fique com o quarto em tamanho, rodeado de 8 luas, já me custa a engolir! Que Mercúrio, esse teu moço de recados, esse coscuvilheiro, esse fala-barato, apanhe o mais próximo do Sol, ainda por cima com uma órbita com precessão, passa das marcas! E a mim, dás-me um planeta sem água, uma

atmosfera de dióxido de carbono, tempestades de areia que duram meses, praticamente sem campo magnético e com duas luas ridículas, a maior das quais tem 16 km de diâmetro. Duas pedras grandes!

Júpiter suspirou, enfadado. Já não podia com Marte, sempre a levantar problemas. Mas, com a intenção de preservar a paz no Olimpo, pôs a sua máscara de Pai dos Deuses generoso e perguntou:

— E o que querias tu?

Pareceu a Marte que ainda havia espaço de negociação e avançou:

— Dá-me o terceiro a contar do Sol. Só tem uma lua, é certo, mas tem terra e água, verde e amarelo, nuvens que baste...

Júpiter interrompeu-o.

— Nem pensar! Aí nesse planeta vou colocar uns novos entes: os Homens. Pretendo acompanhar pessoalmente a sua evolução. Vai ser o meu projecto mais importante! Quero fazer desse planeta um Olimpo terrestre!

Marte sentiu que tinha perdido. Quando falou, sentia-se a raiva contida:

— Muito bem! Mas já que falaste de projectos vou-te contar sobre um novo projecto que eu ando a desenvolver. Chama-se *guerra psicológica*.

O rosto de Júpiter exibiu sinais de surpresa e Marte, saboreando o facto de ter apanhado o Pai dos Deuses desprevenido, prosseguiu:

— Quando puseres os tais... Homens?... na Terra, eu vou-lhes meter no inconsciente (é uma coisa que eles vão ter dentro da cabeça sem saber que têm e com a qual vão pensar sem saber que pensam) um medo, um terror, uma suspeita de que em Marte vivem outros seres, assustadores, alienígenos, *verdes*, uns... aaa... marcianos, o nome até é bonito, *marcianos*, que estão a preparar uma invasão da Terra, para os escravizar, decapitar, empalar, eu sei lá... E eles hão-de viver sempre com esse medo dentro das cabeças, e quando olharem para cima será sempre com receio do ataque que poderá estar iminente. Adeus, oh Pai dos Deuses!

Juno mal teve tempo de se desviar da porta quando esta se abriu de rompante. Marte passou por ela sem a ver, caminhou rapidamente até à grande entrada do salão, pegou nas armas e saiu do Olimpo. Juno entrou no escritório:

— Então, Júpiter, que queria ele?

— Sempre te disse que isto de parires um filho sem a minha ajuda dava mau resultado. Este Marte não tem arranjo! Questionar a distribuição dos planetas feita por MIM!

E, com ar indignado, Júpiter voltou à sala do trono; a música ambiente acalmou-o, esqueceu a conversa com Marte e começou a dedicar o seu intelecto divino à magna tarefa de decidir o que iria fazer nessa noite (depois de Juno ter adormecido...)

—oOo—

Como poderia Orson Welles saber, milénios mais tarde, que todo o pânico causado por um célebre programa de rádio era afinal a consequência longínqua de uma birra do Deus da Guerra?

O caso Subuel Mantil

Jorge Candeias

— Ai, meu Deuuuus!...

As pessoas que se encontravam no átrio da TEP sobressaltaram-se com o berro que lhes chegou da casa de banho. Uma funcionária saiu de detrás de um balcão e foi ver o que se passava, espreitando a medo pela porta entreaberta, enquanto ia perguntando uma e outra vez: "Está tudo bem por aí?"

Parece que não estava, porque assim que a funcionária desapareceu por completo da vista do pequeno semicírculo de pessoas que se fora entretanto aglomerando em torno da porta da casa de banho dos homens, em pleno átrio principal da sede das Transmissões Etéreas Portuguesas, voltou a ouvir-se o mesmo urro

— Ai, meu Deuuuus!...

e a funcionária reapareceu, voando, e indo-se esmagar de encontro ao segurança Afonso, pelo qual, aliás, vinha desenvolvendo um fraquinho há já algum tempo. Rebolaram os dois pelo chão enquanto a porta da casa de banho se fechava com estrondo e se fundia com a parede com um som de nozes a partir-se. A funcionária desmaiou, não se sabe bem se de susto pelo voo, se por estar finalmente peito com peito com o segurança Afonso. Este, por sua vez, adquiriu um olho negro e um grande galo na nuca, troféus que andou mais tarde a mostrar, orgulhoso, a amigos e conhecidos, dizendo: "isto foi no dia em que o Mago Subuel Mantil se fechou na casa de banho da TEP. Eu estava lá, e fui a primeira vítima!"

Boa tarde. Bem-vindos ao primeiro jornal.

Eram doze e trinta quando um indivíduo não identificado invadiu o átrio principal das nossas instalações em Lisboa (panorâmica do átrio), barricando-se em seguida numa casa de banho, fazendo dois feridos ligeiros, ambos funcionários da empresa (imagens de um segurança combalido tentando reanimar uma funcionária). Não são ainda conhecidos os motivos ou as reivindicações do indivíduo. A polícia já se encontra no local (uma patrulha entrando num edifício em passo de corrida) e, através da análise das gravações dos Olhos de Cheshire que os investigadores conseguiram introduzir na casa de banho, e pela dificuldade que tiveram em recuperá-los (imagens de fraca qualidade com a etiqueta "Olho de Cheshire 3", mostrando um homem careca, baixinho e mal vestido, a fazer desaparecer um grande olho de íris azul que flutuava no ar à sua frente), chegou-se à conclusão que se trata de um mago de algum poder, com cerca de 45 anos de idade. Estão neste momento a caminho da nossa sede equipas do Departamento Teleológico da Polícia Judiciária e do Sindicato dos Magos e Afins do Sul e Ilhas, que vão tentar identificar e comunicar com o indivíduo (outra panorâmica do átrio).

Voltaremos a esta notícia assim que os desenvolvimentos o justifiquem.

—oOo—

Sim, sobrevivi ao desaparecimento de Lisboa Nova por uma unha negra e por pura sorte. Sim, ia a caminho de Phobos quando Deimos se esfumou e se transformou no Anel Deimiano. Sim, sou um mago de nível 3 especializado em telecinese. E não, porra, não, caraças, não, com mil diabos, não sei quem vem a ser esse tipo, esse Mantil ou Senil ou Funil ou lá como o cabrão se chama!

Desculpe o palavrão... tou nervoso... não tou habituado a tanta pergunta...

—oOo—

Zé Afonso Tiago, tenente da Brigada de Taumaturgia e Fenómenos Paranormais da Polícia Judiciária, também conhecida como "departamento teleológico", chegou ao local às treze horas e sete minutos. Colocou-se, como manda o regulamento, ao lado da porta da casa de banho, protegido por uma equipa de três agentes de menor patente, e tratou de enviar uma sonda etérea através da parede para poder comunicar com o indivíduo barricado. A primeira coisa que ouviu foi um berro

— Ai meu Deuuuuus!...

logo seguido de um guincho, do ruído de coisas cerâmicas a partir-se e, no meio duma cacofonia de nozes em explosão, da abertura de uma íris na porta, através da qual voou uma sanita ainda com restos de papel higiénico presos no cano. Ao mesmo tempo que a sanita se estampava com grande estrago contra a parede do outro lado do corredor, a íris voltava a fechar-se e Zé Afonso Tiago apanhava com a sonda etérea em cheio na testa. Sorte sua que tinha a cabeça dura, e que a tinha protegido antecipadamente com um feitiço durex último modelo, exclusivo das forças de segurança. Mesmo assim, o impulso foi tamanho que não evitou o trambolhão.

Combalido, Tiago, também conhecido nos meios taumatúrgicos como Fonsin Tiagonal, levantou-se, sacudindo as calças num gesto automático, e

activou um feitiço de check-up. Estava tudo bem, à parte uma amolgadela por cima da sobrancelha esquerda que se transformava a pouco e pouco em inchaço, e Tiago acalmou-se. Perguntava a si mesmo se não seria caso de avisar a central, quando apareceu nova sonda etérea, esta de formato não-padronizado, na porta da casa de banho. Enquanto Tiago abria lentamente a boca, espantado, da ponta da sonda surgia um olho pestanudo que se pôs a olhá-lo fixamente.

— Ai meu Deuuuus!... — ouviu-se de novo, agora num tom um pouco mais grave e, ao contrário do que já vinha a tornar-se hábito, desta feita a voz continuou a falar, depois de o olho piscar duas vezes — Eu faço uma desgraça! Ai faço! Ai faço!

— Calm... — começou Tiago a balbuciar, sendo interrompido de imediato com outro

— Ai meu Deuuuus!...

e logo em seguida:

— Você é o Tiagonal, não é? Eu faço uma desgraça! Eu faço uma desgraça se não me deixarem falar imediatamente com o Rirangel! Ai meu Deuuuus!...

O Rirangel, isto é, o Mago Zezanzin Rirangel, ou seja, o Dr. João Silva Botelho, era o presidente em exercício da TEP, cargo que acumulava com o de primeiro secretário da toda-poderosa Guilda dos Feiticeiros. Claro que não ia assim, sem mais aquelas, falar com um palerma qualquer que se tivesse emboscado numa casa de banho pública, nem que a dita casa de banho se situasse 69 andares abaixo do local onde ele nesse preciso momento se divertia com um charuto e uma secretária jovem e ambiciosa.

—oOo—

(imagem do pivot) Um indivíduo ainda não identificado encontra-se neste momento barricado nas instalações da TEP. Trata-se aparentemente de

um mago de grande poder, que já terá feito vários feridos (imagem de vassoura-pairadeira mostrando um corpo numa maca em voo rasante, a caminho duma ambulância) e terá exigido um resgate avultado e um encontro a sós com Silva Botelho, o director daquela estação de televisão (imagem de arquivo de Silva Botelho a bocejar). Infelizmente, prosseguindo a sua política de concorrência desleal (imagem do pivot, com o bocejante Silva Botelho num quadro a um canto) e procurando assegurar-se do exclusivo da história, a TEP impediu a entrada da nossa equipa de reportagem nas suas instalações, para o que contou com a ajuda da polícia (imagem de um cordão policial). É lamentável este comportamento da estação pública, que nos impede de fornecer a informação mais completa ao nosso público, e estranha-se ainda mais a colaboração das forças de segurança.

Temos, entretanto, em estúdio, um painel de comentadores (imagem do painel) que...

—oOo—

Colossal Piramidal era gozado por toda a gente por causa do telenome que escolhera quando ingressou na Academia. Ele tentava convencer os outros de que o nome se lhe impusera, mas ninguém acreditava. E, se isso não fazia grande diferença quando quem gozava com ele eram os colegas, já quando se tratava de clientes, a coisa fiava mais fino.

Ainda tentou ganhar a vida honestamente na Terra, mas a sua magreza extrema não escondia que passava fome, apesar de todos os feitiços fotossintéticos que lhe haviam colorido a pele de um verde vivo, especialmente na cara e nas mãos. Por isso, quando a Companhia de

Enfeitiçamento Terraformativo de Marte abriu o recrutamento de pessoal especializado, nem pensou duas vezes e fez as malas.

Horas depois estava em Lisboa nova.

—oOo—

— Mas o que é que ele quer?

— Não sabemos, dr. Rirangel. O homem diz que quer falar consigo e que não sai da casa de banho enquanto não o fizer.

— Que disparate! Digam-lhe que estou ocupado e não voltem a incomodar-me com esse género de irrelevâncias!

O director desligou o intercomunicador com um gesto displicente, suspirou, e voltou-se para a secretária, que ronronava, seminua e esparramada sobre o sofá de couro. Resmungou um "chatos!", levantou-se e afivelou o seu melhor sorriso profissional. Já o sorriso era genuíno quando murmurou, com uma voz que pretendia afrodisíaca:

— Onde é que nós íamos, fofa?

—oOo—

Interrompemos esta notícia para lhe dar conta dos últimos desenvolvimentos na situação que se desenrola no primeiro andar da nossa sede, em Lisboa (panorâmica da sede). O indivíduo que se barricou numa das casas de banho do átrio já foi identificado pelos técnicos do Sindicato dos Magos e Afins do Sul e Ilhas. Trata-se de Subuel Mantil, técnico de magia transformativa de 2ª classe, especializado em demolições e terraplanagens (fotografia de um homem careca, com uma barba rala e um olho de cada cor). Desconhecem-se ainda os motivos que levaram

Mantil a fechar-se nas nossas instalações. O que se sabe é que o mago tem contrato com a construtora Pirilimpimpim, S.A., empresa controlada pela *holding* Pan-Sininho (esquema das ramificações da *holding*), à qual também pertence a estação de etervisão privada Sociedade Independente de Etervisão, além de vários outros órgãos de comunicação social. O indivíduo tinha prevista para a semana que vem a sua partida para Lisboa (panorâmica de Lisboa, Marte), onde iria ficar encarregado dos trabalhos preparatórios para a construção de instalações próprias da TEP-Marte, obra concessionada à Pirilimpimpim (panorâmica anterior, com a representação virtual de um majestoso edifício sobreposta a um terreno baldio no centro da cidade).

A Polícia Judiciária está neste momento a averiguar se a acção de Mantil é isolada ou se, pelo contrário, se trata de parte de um plano da SIE concebido com o fito de...

—oOo—

José Afonso Tiago não estava nada bem disposto. Todos os esforços para mandar chamar Rirangel tinham esbarrado na casmurrice da secretária que teimava que o empresário estava demasiado ocupado para vir falar com um potencial terrorista. Demais sabia ele o tipo de trabalho que dava ser director-geral duma empresa como a TEP. Ha! E agora tinha de dizer ao maluco do Mantil que o outro não vinha... e sem ter a mais pequena ideia do que o barricado poderia fazer: a ideia desastrada dos Olhos de Cheshire que os palermas da PSP tinham tido só tivera como consequência o reforço

dos feitiços anti-intrusivos. A sua testa latejante não o deixava esquecer-se desse facto.

— Olhe, o dr. Rirangel diz que está numa reunião muito importante — mentiu Tiago, enquanto gesticulava furiosamente todos os feitiços manuais de protecção de que se conseguiu lembrar — e não pode vir. Pede que o desculpe, mas diga o que quer dele, que ele mais tarde falará consigo.

Tiago estava surpreendido por ter conseguido debitar o discurso todo, e começava a ganhar alguma esperança de que o problema se resolvesse por si próprio quando

— Ai meu Deuuuus!...

e o olho na ponta da sonda etérea se transformou num projector que colocou, na parede do outro lado do corredor, a mesma que tinha já levado com uma funcionária, um segurança e uma sanita, uma panorâmica de Lisboanova, Marte, obtida aparentemente em tempo real a partir da vertente do Monte de Nova Sintra, uma pequena colina que dominava a cidade e que fazia parte do bordo de uma velha cratera, já muito erodida pelo tempo.

— Eu faço uma desgraça! Eu faço uma desgraça! — continuava a voz a berrar de dentro da casa de banho — Vocês não me vão mandar para Marte! Ou o Rirangel vem cá abaixo *já*, anular-me o contrato, ou Lisboanova desaparece do mapa!

— Ai meu Deuuuus!...

—oOo—

— OK, que temos por aí, Tiago? Que confusão é esta?

— Viu as notícias, chefe? É um tal Subuel Mantil. O tipo tem contrato para ir para Marte, mas diz que não quer ir e que faz desaparecer Lisboanova se o Rirangel não falar com ele. O Rirangel não está pelos ajustes...

— O tipo pode fazer desaparecer Lisboanova?

— Não sei, chefe. Ele é só 2ª classe, mas está passado, e já se sabe o que acontece quando eles se passam.

— Então vai precisar de reforços?

Pausa.

— Bem... pelo sim, pelo não, se calhar é melhor.

—oOo—

As forças colocaram-se no terreno, pelo sim, pelo não. Uma companhia de magos de intervenção, com equipamento completo (escudos, varinhas de condão, bastões, chapéus pontiagudos repletos de tautoarmamento miniaturizado) cercou a sede da TEP, em Lisboa. A PSP foi dispensada para trabalhos menores, como bloquear o trânsito nas imediações. Negociadores do Sindicato dos Mágicos e Afins do Sul e Ilhas posicionaram-se nos pontos acusticamente mais favoráveis à comunicação com o barricado. Pelo sim, pelo não, um batalhão inteiro de magos especializados em contra-feitiços foi chamado a reforçar a Central de Exorcismo de Deimos para monitorizar as ondas etéreas e contrariar qualquer ataque importante contra Marte. Os cidadãos de Lisboanova foram avisados para não saírem de suas casas e foi aberta uma linha etereofónica especial para dúvidas e reclamações. Pelo sim, pelo não, foram transmitidas instruções especiais para o caso de serem detectados sinais de desaparecimento ou mesmo simples enfraquecimento da estrutura molecular dos materiais, biológicos ou não, na capital dos interesses portugueses em Marte.

Tudo parecia estar a postos contra o que quer que Mantil pudesse fazer no preciso momento em que Colossal Piramidal começou a discutir com o seu chefe directo sobre o que teria acontecido à última sementeira de pólipos de Mesmer, que em vez de convencerem o solo das redondezas a segregar oxigénio para a ainda rarefeita atmosfera marciana, tinham-no

simplesmente transformado em areia, causando assim um prejuízo considerável à Companhia de Enfeitiçamento Terraformativo de Marte.

Dez minutos depois, Piramidal tinha sido despedido e preparava-se para ir apanhar uma grande bebedeira em Phobos. Claro que já tinha bebido uns copos valentes em Lisboa Nova: em Phobos não havia vinho do Redondo.

Apesar disso, tudo ainda parecia estar a postos.

—oOo—

O agente Ramos estava com os azeites. Merda era esta de dispensar o batalhão? Que tinham os merdas dos magos que mandar na polícia? O caraças!

Por isso, esgueirou-se à socapa para fora do cruzamento entre duas ruelas que tinha ficado encarregue de controlar, ele mais a sua espingarda de dardos anestésicos, no que era, sem dúvida, um claro acto de insubordinação, duramente reprimido pelo regulamento. Mas o agente Ramos estava com os azeites. Não gramava a merda dos magos. Nem um bocadinho. Por isso, merda pró cruzamento!

O agente Ramos aproximou-se do edifício da TEP em passo rápido e rosto fechado, como quem vai em missão urgente. Todo ele dizia "não se metam comigo, tenho mais que fazer". E os magos da Judite olhavam para ele e não faziam nada, deixavam-no apenas passar.

Nesse preciso momento, Zé Tiago preparava-se para falar com o barricado mais uma vez. O campo encantatório que os seus colegas tinham construído em torno da sede da TEP brilhava ligeiramente ao sol do princípio da tarde. Nada deveria conseguir atravessar uma defesa daquelas. Lisboa Nova estava segura.

Nesse momento preciso, Colossal Piramidal debruçava-se, podre de bêbado, da janela da cúpula-vassoura que a companhia tinha colocado à sua disposição e que ele, recém-despedido, se preparava para roubar, e gritava:

— Morram (hic!), cabrõõõõõões!

—oOo—

— Olhe, sr. Mantil — disse Tiago, quando conseguiu a atenção do outro, — o dr. Rirangel continua em reunião. Se o senhor lhe expuser o seu problema detalhadamente, de certeza que ele...

— Ai meu Deuuuus!...

e a sonda etérea desapareceu, a porta pôs-se a luzir com uma aura cor de laranja, e de dentro da casa de banho começou a sair um estrondo ensurdecedor onde se misturavam gritos, ruídos de vidros e cerâmica a partir-se e uns sons cavos e intermitentes, dir-se-iam flatulências de animais gigantescos.

O agente Ramos já estava demasiado próximo do edifício para ver a coluna de luz lilás que se elevou de repente do seu topo, mas testemunhas que estavam na zona das Amoreiras juraram que no centro da coluna se podia ler uma torrente de letras do alfabeto romano: "...udeuuuusaimedeuuuusaimedeuuuusaimedeuu...". O agente Ramos só ouviu os gritos no etercomunicador, que informavam, numa cacofonia insuportável, que Lisboanova desaparecera do mapa marciano e, antes de desligar o aparelho, a última transmissão que ouviu foi uma voz de cana rachada que ia dizendo "...rreram mesmo, os ca..."...

Tiago, esse, perdeu os sentidos, atingido em cheio pela onda de energia taumátúrgica que se soltou da casa de banho. Caiu no chão com um *flop* harmonioso, no meio do concerto de *tumps* e *clangs* feito pelas outras pessoas que se encontravam no átrio da TEP. Todo o edifício foi afectado, e quando, no rescaldo, os serviços de emergência chegaram ao 69º andar, encontraram Rirangel morto, vestido com as meias pretas da secretária que, toda nua, estava também morta por cima e em torno dele.

Minutos depois, no momento em que o agente Ramos transpunha a porta que dava entrada ao átrio e sacava da sua espingarda de dardos, lá

longe Deimos explodia em mil bocadinhos, curiosamente todos eles alinhados pouco depois em órbitas paralelas que ao fim de uma semana formavam um anel cinzento em torno do planeta vermelho. Ramos tinha o rosto contraído num esgar de ódio quando pontapeou a porta da casa de banho, fragilizada pelo abalo que sacudira todo o edifício, desaparecidos todos os feitiços que a defendiam, com toda a força dos seus 125 quilos. O mago Mantil só teve tempo de voltar-se e começar a berrar

— Ai meu De...

calando-se no momento em que foi atingido pelo primeiro dos 12 dardos tranquilizantes que estavam contidos no carregador da espingarda de Ramos. Não soltou mais um pio.

—oOo—

— Piramidal, se estás a tentar convencer-nos de que o Mantil fez isto tudo sozinho, desengana-te! Não caímos nessa! Portanto desembucha! Já!

Ai meu Deus, pensa o pobre Colossal, apanhado sem saber como no meio duma história com que não tem nada a ver, sem conseguir que alguém entenda que ele é apenas mais uma vítima das leis imortais do Mago Murphy.

— Ai meu Deus!

MARS TV

Gabriel Bozano

MODO DE GRAVAÇÃO PESSOAL
REC...

Quem diria que eu realmente estaria aqui, a mais de 227 milhões de quilômetros da Terra, vislumbrando da janela do meu alojamento o maior vulcão de Marte, Olympus Mons, com seus 29 mil metros de altura. E mais, com duas deslumbrantes Equinianas nuas, se divertindo na minha Jacuzzi. Estou exausto demais para fazer qualquer coisa que não seja sentar em frente da janela com um copo de whisky e esse gravador de pensamentos na cabeça. Daqui a pouco eu volto pra banheira, para me inebriar com suas crinas avermelhadas, sua pele camurça aveludada, seus lábios... Foco. Tenho que voltar o foco para outros pensamentos ou minha biografia vai parecer um filme pornográfico. Preciso de um rascunho mental coerente para que meu *ghost writer* possa ter algum material para se basear quando estiver escrevendo minha biografia. Vamos ver, por qual lembrança eu deveria iniciar este arquivo de memória? Ah, claro, a estréia da MARS TV.

Acho que nada mudou tanto o planeta quanto a estréia da MARS TV. O mundo parou, as guerras cessaram, as ruas ficaram transitáveis, ninguém saiu de casa. Um feriado mundial. É engraçado como eu imaginava que seriam seres alienígenas. A primeira coisa que me vinha à mente eram homenzinhos cinzas apavorantes ou os humanóides com próteses faciais

das famosas séries de TV. Até que nossa criatividade e imaginação foram bem acuradas, mas nunca imaginamos algo parecido com MARS TV.

Os projetos que procuravam por vida inteligente nunca achavam nada. O projeto SETI, por exemplo, ficou mais de sessenta anos procurando em vão por transmissões de rádio do espaço, até que finalmente alguns avanços nas telecomunicações mudaram drasticamente o conceito da busca. Em 2023 foi feita a primeira transmissão prática de um pacote de dados por um método chamado de tubulamento quântico. As ondas de comunicação eram atiradas ao espaço através de uma espécie de túnel que as deixava algumas vezes mais rápidas que a velocidade da luz. Espetaculares 109 vezes mais rápidas. Era possível transmitir um feixe de dados a uma distância de 10 bilhões de anos luz em apenas alguns segundos. Na época, eu já trabalhava na *Moon Imersion*, uma empresa que tinha dois robôs na lua e, através da Internet, qualquer pessoa podia passear pelo solo lunar e vislumbrar o espaço pelos olhos do robô. O tempo da transmissão de dados era bem razoável dado a proximidade com a Lua, mas com a descoberta dessas transmissões tubulares, eu tive uma idéia muito mais excitante. Três anos depois, e 25 milhões de dólares bem investidos, coloquei no ar meu próprio negócio, *Mars Imersion*, 6 robôs voadores, além de dois robustos robôs de resgate, posicionados em uma base montada na periferia do complexo central Marciano, bem próxima ao *Valles Marineris*, com seus desfiladeiros de 6 quilômetros de profundidade. Por 5 dólares o minuto qualquer pessoa do planeta poderia pilotar um dos robôs voadores através da atmosfera rarefeita do planeta vermelho. Foi um sucesso por meses. Estava quase terminando de pagar os investidores e sonhando com os lucros quando Rick Stratton apareceu.

Um dos principais especialistas do SETI era Howard Stratton, um cara simpático, bem diferente do filho. A idéia dele foi simples: esquecer as transmissões de rádio e tentar encontrar transmissões tubulares espalhadas pelo espaço. Em poucos meses, ele e sua equipe desenvolveram um dispositivo prático de detecção de linhas de transmissão tubulares

independentes e instalou o aparelho em Marte, para fugir das eventuais interferências que a atmosfera da Terra, já abarrotada de transmissões, poderia causar. Foi então que, na data histórica de 12 de Janeiro de 2048, o dispositivo foi ligado. Foi puro êxtase. O aparelho de Howard não só detectou milhões de linhas de transmissão espalhadas pela galáxia, como encontrou um enorme feixe atravessando Marte e se redistribuindo em milhões de linhas infinitas, não se sabe para onde. Howard tinha descoberto a TV a Cabo intergaláctica.

Como que eu faço para colocar esse negócio em pause? Quero mais uma dose de Whisky. Satra, me traz a garrafa de Whisky... Satra?, Nadália? Onde vocês se meteram? Ah, oi, obrigado, pode colocar aqui no meu copo. Não agora não, tenho que terminar esse rascunho mental. O quê? Humm... Isso é muito bom... Calma que eu estou gravando essa droga, vocês sabem como que pausa esse negócio?... Se alguma das duas me disser como eu pauso esse gravador mental, eu volto pra banheira...

PAUSE

REC...

Bem, onde é que eu estava? Certo. Não demorou muito para que o dispositivo de Howard, batizado de *Mars Receptor*, começasse a decodificar dezenas de imagens que eram transmitidas pelo grande feixe que passava por Marte. É óbvio que o governo foi o primeiro a ter acesso à TV alienígena, que tinha de tudo: registros históricos e lingüísticos, esportes, programas científicos, pornográficos. Mas aos poucos mais e mais imagens começaram a ser liberadas para o público. Foi como ficamos conhecendo os responsáveis pelas transmissões. Foram denominados de Tillianos e eram residentes na outra ponta da Galáxia, milhões de anos luz de distância. Para a surpresa de poucos, eram humanóides pequenos de pele

cinza e olhos grandes e negros, provavelmente devido a milhares de anos de evolução em frente à TV. Os Tillianos transmitiam bilhões de diferentes canais, de diferentes sistemas planetários. Aos poucos, o governo foi permitindo mais e mais acesso a certas imagens e programas de entretenimento, esportes e, finalmente, BUM! Através de uma emenda constitucional, os senadores permitiram a transmissão de certos programas diretamente para os lares de bilhões de telespectadores. É aí que entra Rick Stratton e a minha falência teve início.

Com o *Mars Receptor* patenteada pelo pai e servindo de decodificador central, Rick Stratton conseguiu exclusividade na transmissão dos programas alienígenas e em 12 de Janeiro de 2050 estreou MARS TV. 1075 canais de entretenimento mostrando desde Equinianas fazendo sexo com os tentáculos de um Fargal, os documentários das batalhas que destruíram a galáxia de Andrômeda e, é claro, o maior evento esportivo do Universo. *Universal Battles Games*. É de se esperar que ninguém mais tivesse interesse em se conectar no meu site para pilotar um robô voador através dos desfiladeiros de Marte, podendo assistir a um gigantesco alienígena reptiliano sendo surrado até a morte por um Dan-Teluriano nanico, cabeçudo e cheio de telecinese. Estava falido. Mas apesar de tudo mantive o site no ar, mesmo com a pressão dos investidores e com os robôs parados.

Eu boicotei pessoalmente MARS TV. Preferia ficar viajando pelos desfiladeiros e planícies marcianas conectado ao meu robô de manutenção e resgate, que apelidei de Rock Marciano. A grande diferença entre Rock Marciano e os meus outros robôs era o tamanho, precisava ser robusto o suficiente para resgatar e carregar qualquer um dos outros de volta para a base se algo acontecesse, tinha que ter a mobilidade de um voador e a aspereza de um robô terrestre. Era uma obra prima da construção civil Japonesa. Com ele escalei *Olympus Mons* e atravessei os 500 quilômetros de um lado ao outro do *Valles Marineris*. Andava pelas planícies de *Chryse* à frente de uma trilha de pó vermelho, para visitar o local do pouso

histórico da Viking 1, vendo o horizonte ao longe com seu brilho alaranjado. E o pôr do Sol? Que beleza. O pôr do sol em Marte parecia banhado em ouro.

Foi então que certo dia minha sorte mudou. Recebi uma ligação de nada mais nada menos que o próprio Rick Stratton. Não o conhecia pessoalmente e o odiava, mas mesmo assim resolvi atender o telefone. Rick estava desesperado. MARS TV estava há seis meses no ar, era o maior sucesso da história, tinha bilhões de dólares em investimentos e, logicamente, dívidas e, de repente, de uma hora para outra, poderia desaparecer. Rick havia recebido uma comunicação diretamente da Central Tilliana informando que as atividades de retransmissão de MARS TV eram ilegais e que se *Mars receptor* não fosse desligado em 24 horas, os Tillianos enviariam um feixe de sobrecarga capaz de fazer um buraco em Marte maior que os vulcões de *Tharsis*. Não que eu não tenha sido ingênuo, mas quem não acreditaria?

Talvez seja melhor eu mudar o modo de gravação para que a história fique mais vívida, onde pode ser? Ah, deve ser esse botão aqui escrito "mudar modo de gravação". Vamos ver...

ALTERANDO MODO DE GRAVAÇÃO
MODO DE GRAVAÇÃO IMPESSOAL ATIVADO.

O Rosto de Rick Stratton suave loucamente enquanto esperava pela decisão de Dagger. Os *pixels* do suor brilhavam na tela de cristal líquido.

— Não sei não, Stratton. Roubar o *Mars Receptor*?

— Só você pode me ajudar, Dagger. Meus robôs de manutenção não tem capacidade de voar para carregar o Mars Receptor para debaixo da superfície, mas os teus robôs...

Dagger não gostou nem um pouco da idéia. "Já estou falido só falta ser preso", pensou.

— Que prova vou ter de que você vai me pagar os 15 milhões que eu devo aos investidores?

— Olha na tua conta.

Dagger *popou* uma janela no monitor e acessou sua conta. Depósito de 15 milhões efetuados.

— Vamos logo com isso, Dagger. Eu te pago mais quinze milhões se você quiser; se *Mars Receptor* for destruído eu perco bilhões. Você me empresta um robô voador, me ajuda a chegar até o complexo Central, a gente pega o *Mars Receptor* e o escondemos em algum lugar seguro.

Dagger se remexia na poltrona.

— Tudo bem, vou te dar acesso ao Robô de resgate 2. Ele tem mais potência e é mais resistente que os voadores comuns. A gente sai da minha base no perímetro delta e chegamos ao centro do complexo em menos de cinco minutos. Eu conheço algumas cavernas no desfiladeiro próximo, nunca fui muito fundo, mas sempre se tem uma primeira vez. Você tem certeza que se colocarmos o *Mars Receptor* longe da superfície o feixe de sobrecarga vai se dissipar?

— Acho que sim, pelo menos vou ter tempo de bolar outro plano. Falta uma hora pro *deadline* dos Tillianos, vamos logo com isso.

Dagger começou a digitar freneticamente enquanto liberava os códigos de acesso do robô de resgate 2 para Stratton. Por fim se preparou. Bebeu um último gole de Corona, colocou as luvas e os óculos e recebeu o leve choque do sistema de imersão. Em poucos segundos estava conectado a Rock Marciano.

A área onde ficavam guardados os robôs era simples. Uma base circular com um domo de estrutura metálica furada no meio. Dagger viu o Robô de resgate 2, ou melhor, Stratton, um tanto cambaleante, mas logo já tinha se posto no ar. A comunicação entre os dois foi estabelecida.

— Vai com Calma Stratton, ainda temos tempo. Vê se não vai detonar meu robô, me segue que eu conheço esse planeta como a palma da minha mão.

Os dois enormes robôs decolaram. O grande complexo parecia um pequeno ponto branco no solo vermelho próximo ao precipício do desfiladeiro de *Valles Marineris*. Os robôs voaram rapidamente e chegaram ao complexo em menos de cinco minutos. Ao pousarem, entraram correndo em busca do *Mars Receptor*.

— Por que eu fui me meter nessa? Stratton, se alguém vir a gente...
Stratton soltou um grito paranóico.

— Eu espero que vejam. Eu avisei pra droga do governo que ia tomar uma providência.

— Como é que é? Mas e o feixe... — Dagger foi interrompido de novo.

— Não tem feixe nenhum seu idiota, o *Mars receptor* nunca esteve em perigo de ser destruído, minha conta bancária é que sim.

Os olhos de Dagger/Rock Marciano brilhavam como fogo.

— Calma aí Dagger deixa eu te explicar. Os Tillianos realmente enviaram uma transmissão, mas não para mim, foi pro governo. Reclamaram que MARS TV era clandestina, que eles queriam indicar nosso planeta para fazer parte de uma merda de federação caso mostrássemos nossa boa fé. Como? Assinando um contrato com eles. Lógico que a porra do governo assinou, e rescindiu o meu. Eu tenho 20 bilhões em dívidas e a rescisão do contrato não vale nada. Mas o *Mars Receptor* vale muito, é ele que decodifica as transmissões Tillianas e possibilita a recepção dos canais pelo aparelho de TV comum. Sem ele ninguém vai ver MARS TV por um bom tempo.

— Então esse é o seu plano, roubar o Mars Receptor pra chantagear o governo?

— Parece que sim.

Stratton arrancou o *Mars receptor* do console. Era um dispositivo do tamanho de uma mochila. MARS TV estava fora do ar.

Dagger cerrou o punho. (Rock Marciano também)

— Não posso deixar você fazer isso, Stratton. Não posso deixar você sacanear com o governo, os Tillianos e ainda por cima milhares de telespectadores na Terra. Devolva-me o Mars Receptor agora. — esbravejou furioso.

— Acho que não, Dagger. Até mais ver. — E decolou. Dagger decolou atrás.

Stratton era um bom piloto, já tinha utilizado o serviço do *Mars imersion* algumas vezes e conseguiu uma leve dianteira. Dagger se atrasou um pouco ao tentar em vão cortar a conexão de Stratton com o Robô, mas sem que soubesse Stratton estava usando um retransmissor próprio. Dagger tinha que alcançá-lo na marra. Os dois voavam baixo, junto ao solo marciano, em direção ao enorme abismo do *Valles Marineris*. Uma queda vertiginosa e os robôs seguiam para as profundezas do desfiladeiro. Stratton tentava se distanciar o máximo possível, deu dois rodopios e entrou desgovernado pela abertura de uma caverna na parede do desfiladeiro. Dagger o seguia de perto. Algumas cavernas marcianas pareciam intermináveis labirintos, Stratton e Dagger se desviavam o máximo que podiam de estalactites ancestrais. Stratton quase perdeu o braço se chocando contra a parede de um túnel que espiralava para a esquerda. Dagger passou incólume. Com os braços estendidos, estava quase alcançando as pernas de Stratton quando este manobrou para a esquerda. Saíram de dentro de um pequeno corredor para o interior de uma gigantesca galeria, esculpida centenas de quilômetros abaixo da superfície de Marte, descomunal como só Marte sabia ser. Mas tinha alguma coisa muito diferente com aquela caverna. Flutuando no meio do nada, penetrando fundo nas profundezas do planeta e alcançando uma altura extraordinária, existia uma estrutura incompreensível de luz e metal,

brilhos polidos e luzes néon, esferas rodopiantes e homenzinhos cinza trafegando por dentro de corredores cromados. Os robôs pararam, flutuando lado a lado, minúsculos perante aquele colosso brilhante que parecia pulsar de forma espiralada emitindo ondas de fumaças luminosas multicoloridas. Mais tarde ficaram sabendo que o que tinham descoberto era uma central de retransmissão Tilliana construída em Marte há mais de dez mil anos. Existiam apenas 5 dessas maravilhas tecnológicas espalhadas pela galáxia, cobrindo com transmissões de TV os cinco diferentes quadrantes. Isso explicava o enorme feixe que atravessava Marte e se redistribuía em bilhões de transmissões menores, detectado por Howard do dia que ligou *Mars Receptor* pela primeira vez. Dagger e Stratton ficaram paralisados de êxtase vislumbrando aquele carrossel alienígena. Mas aquele momento não poderia durar para sempre. Enquanto permaneciam parados, um pequeno disco voador cromado se dirigiu até eles. Um orifício no alto do disco se abriu e um Tilliano cinza com olhos negros esbugalhados saiu de dentro da nave falando de forma leve e clara.

— Sr. Stratton, por favor, nos devolva o Mars Receptor, o senhor já foi destituído da presidência de sua empresa pelos acionistas, não há necessidade de ações violentas ou desesperadas.

Stratton balançou a cabeça saindo do transe. Agarrou bem o Mars Receptor e parecia uma criança mimada quando gritou.

— Não devolvo.

Dagger só precisou de um golpe bem dado para trucidar o robô de Stratton, mas estava tão furioso que acabou dando três. O primeiro foi um soco que arrancou a cabeça do robô, Stratton perdeu o controle deixando cair o *mars receptor* de suas mãos. O segundo foi um chute em rodopio que dobrou seu tronco em 90 graus, terminando com um outro chute na altura do tórax que jogou o robô de encontro à parede, espatifando-o. As aulas de Kung-Fu valeram a pena. Dagger ainda teve tempo de cair vertiginosamente e resgatar com sucesso o *Mars Receptor*, que foi entregue nas mãos das autoridades Tillianas. Em pouco tempo chegaram na

superfície. No momento que o Gerente Tilliano reconectou o *Mars Receptor*, restabelecendo as transmissões da Mars TV, lá estava Dagger, ou melhor, Rock Marciano, sendo cumprimentado pela equipe Tilliana em seus trajes espaciais. Foi tudo filmado pelo canal 897, mas pouca gente viu, a maioria estava desesperada demais tentando sintonizar de volta o canal pornográfico Equiniano. Talvez seja por isso que poucos escutaram quando o gerente Tilliano deu um tapinha nas pernas de Rock Marciano e perguntou.

— Bela luta, belos golpes, você já pensou em participar do Universal Battles Games?

MODO DE GRAVAÇÃO IMPESSOAL DESATIVADO
REATIVANDO MODO DE GRAVAÇÃO PESSOAL

123 testando, voltei? Acho que sim. Cara, que loucura esse modo de gravação impessoal. Parece que estão sugando as memórias do seu cérebro. Esse dispositivo de gravação de pensamentos só podia ser coisa daqueles Dan-Telurianos, cabeçudos malucos. Enfim, acho que esse rascunho contando o início da minha história já está bom demais para mandar para meu *Ghost Writer*. Ele que assista os noticiários antigos e escreva sobre o resto, a prisão de Stratton, minha fama meteórica como salvador da MARS TV, a mudança pra Marte e o mais importante, é claro: minha brilhante carreira de lutador. Eu sei que no cinturão de campeão Universal está escrito: Rock Marciano, Campeão Universal dos pesos pesados — Universal Battle Games. Mas todo mundo sabe quem é que estava pilotando aqueles punhos de titânio quando Rock trucidou aquele gigante de Lava nos Vulcões Vendílicas. Isso mesmo: eu, John Dagger, diretamente de Marte, o planeta vermelho.

Sim queridas, que foi? Já, já terminei, estou indo. Essas Equinianas são insaciáveis.

ARQUIVO SALVO.
GRAVAÇÃO ENCERRADA.

Bem-vindos ao Planeta Verde

Keith Brooke

(tradução de Jorge Candeias)

"Estou em Marte."

Não é uma afirmação incomum nos dias que correm, mas prefiro não contestá-la. Estamos num terraço, longe da multidão na cúpula do Jerry. Lá fora, apesar do calor abrasador, há a ameaça sempre presente de tempestades de areia.

Tenho estado a fitar os grandes olhos escuros de Carmel, inclinado sobre uma balaustrada de pedra, mas agora viro-me e sigo o olhar dela através do deserto invasor, dunas aguçadas brilhando num carmim de sangue onde a luz se derrama a partir da cúpula.

Uma lua convexa pende próxima do horizonte. Sigo o arco da eclíptica pelos céus do sul. Um ponto brilhante entre as estrelas: Júpiter. Vários diâmetros da lua para cima e para leste, e encontro o pequeno ponto verde do nosso planeta irmão, Marte.

Dói, mesmo agora.

Afasto os olhos, devolvo-os a Carmel, que continua a fitar o planeta verde. Conhecemo-nos minutos atrás, ambos em busca de refúgio de mais uma festa do Fim do Mundo.

Reparo agora que ela se parece um pouco com Jacquie: qualquer coisa difícil de definir nos olhos, a inclinação da cabeça. Deve ter sido isso que me atraiu, o que me faz querer falar-lhe, segurá-la, senti-la — arfante, quente, urgente — por baixo de mim.

É provavelmente por isso que não acredito numa palavra do que me diz.

—oOo—

"...análises da atmosfera marciana através de telescópios de infravermelhos revelaram uma atmosfera dominada por azoto e, em menor quantidade, por oxigénio: um estado de desequilíbrio permanente que nos sugeriu fortemente que Marte suportava vida."

The Ages of Gaia, an obituary for our dying Earth,
James Lovelock

—oOo—

Suponho que seja da época. Por esta altura, segundo o programa, eu teria passado dois anos no espaço: a caminho de Marte, em órbita numa das estações de detenção em torno do planeta verde, à espera de vez, contente por ter ao menos uma vez por que esperar.

Neste momento poderia já ter aterrado em Marte, coisa que fiz tantas vezes em sime ao longo de todos aqueles anos. Talvez Carter City: uma cratera forrada para reter o calor, para que pudéssemos aventurar-nos no exterior sem demasiadas camadas de protecção.

Carter City seria um primeiro destino provável: um dos centros principais para o esforço de colonização, um ponto de trânsito para o êxodo humano em fuga do seu planeta natal moribundo. Sou um cientista agrícola experiente, especializado em técnicas de cultivo em baixas temperaturas — cada vez mais inúteis no nosso planeta natal sobreaquecido pelo efeito de estufa, mas inestimáveis em Marte, pensava eu durante o treino. Deveria deixar Carter bastante depressa, em direcção às cinturas agrícolas em torno de uma qualquer das novas cidades. Instalar-nos-íamos aí e, trabalhando

com grandes frotas de máquinas para criação e colheita, eu estabeleceria sistemas agrícolas para alimentar as colônias crescentes.

Mas essa primeira aterrissagem! Teria feito tudo o que estivesse ao meu alcance para me assegurar de que a Jacquie e eu fôssemos enviados para a superfície na mesma vaga de colonos. Também a Jacquie teria usado todos os cordelinhos que pudesse para nos manter juntos. Isso tinha sido sempre parte do acordo, do pacto que tínhamos discutido tantas vezes. Julgo que teríamos sido bem sucedidos: embora as autoridades do êxodo desencorajem qualquer tendência para a reprodução excessiva, reconhecem o valor de relações estabelecidas para a construção de comunidades.

Jacquie e eu, pondo os pés no planeta verde pela primeira vez. Um novo começo para nós, uma nova chance para a nossa espécie. *BEM-VINDOS A MARTE*, dizia sempre o letreiro nos simes de treino e, estou certo, também na realidade.

—oOo—

"A abundância de minerais ricos em ferro na crosta planetária significa que a Terra, se não fosse a sua ténue pele verde de vida, seria vermelha vista do espaço. A Terra é um planeta ferrujento."

Asimov's Guide to Science, Isaac Asimov

—oOo—

Assim que entrei na sala soube o que ele me ia dizer, ainda que lhe tivesse custado cinco minutos de uma análise contraditória para me dar o simples veredicto: *não*.

Fiquei a olhar para ele. Grisalho, olhos amarelecidos como velhos jornais, a cada minuto ou dois parava a meio das frases para sorver com

ganância de uma máscara de ar. Doença degenerativa nos pulmões: era claro que ele não faria parte do êxodo.

"Você diz-me que os meus resultados de aptidão mental e psicológica estão nos dois percentis superiores", digo eu. "Que a minha formação, treino e experiência profissional oferecem um conjunto de capacidades fortemente valorizadas pela comissão". Já sabia tudo isso, e há bastante tempo: Teria sido excluído do processo de selecção dois meses antes se não tivesse obtido pontuações elevadas nos testes iniciais.

"Você diz-me que a minha actuação em cada um dos dezasseis simes foi altamente pontuável, que há muito pouca coisa que eu poderia ter feito melhor. E depois conclui que o meu requerimento para estatuto de passagem para Marte foi recusado..."

O comissário sugou oxigénio da sua máscara de plástico branco. "Você tem um coração disfuncional", disse simplesmente, por fim.

Rompendo o silêncio, continuou: "Arritmia: uma irregularidade no bater do coração. Pode ter sorte e viver até uma idade bem avançada — deixando que uma das outras doenças dos nossos tempos o leve... Mas, sujeito aos rigores do voo espacial, da adaptação a um ambiente estranho, a sua deficiência transforma-o num risco. Um risco demasiado grande para que a Comissão invista na sua passagem."

Calou-se, sugou ar da máscara.

"Que posso eu fazer?", perguntei-lhe. Não queria pedir, sabia que nada conseguiria, mas por uma vez a minha habilidade para gerir crises — que me servira tão bem durante os simes de selecção — abandonou-me. "Como posso conseguir a inversão desta decisão?"

Seria Marte ou Jaquie o que eu temia perder? Não sabia, não conseguia pensar.

"Há uma alternativa", disse o comissário. "Uma opção que recomendamos fortemente".

"Qual?"

Ele acenou. "Eu..." Outro sorvo de ar. "Eu vou para Marte", disse-me.

Fiquei a olhar para ele, aterrorizado, enquanto ele ingeria vários longos tragos de ar.

Era claro que ele tinha antecipado a minha reacção e estava a jogar com ela, manipulando-me. "Interroga-se como", disse por fim. "Na minha condição... A minha afirmação é incorrecta: deixe-me corrigi-la. O que eu queria dizer é que já estou em Marte. Tal como você, cumpro os requisitos para a passagem: o conjunto de capacidades, o perfil, a actuação nas simulações. Mas é claro que a minha condição física me exclui do programa — nunca houve a opção de viajar até ao planeta".

Outra pausa para o ar, e depois: "Há muitos papéis no programa para os quais a presença física não é um requisito. O processo de obtenção de perfis é exaustivo, o que nos permite reconstruir personalidades completas *in virtuo* — personalidades que podem ser embutidas no *hardware* do esforço de colonização. Que melhor inteligência para conduzir estações espaciais, veículos de exploração, *drones* mineiros e agrícolas, do que personalidades humanas completamente treinadas e experientes?...

"Pense nas contas do êxodo, meu amigo. Apesar de todas as guerras por recursos, das pragas e das outras calamidades dos nossos tempos, a espécie ainda conta biliões de indivíduos neste planeta em rotura. Quantos vaivéns temos? Quantos cargueiros de corpos em transbordo incessante entre a Terra e Marte? Quantos emigrantes julga que podemos transportar fisicamente? Temos hoje 25 000 no planeta verde. As melhores projecções dizem-nos que seremos capazes de transportar mais 50 000 até que a oportunidade desapareça devido a um desastre qualquer."

Mais ar. "Candidate-se à opção virtual, meu amigo, e estará livre do congestionamento físico do êxodo. Mapeámos a sua personalidade durante os simes: sabemos que é um candidato adequado. Detestaríamos perder o seu conjunto de capacidades."

Fiquei sentado, em silêncio, lutando para abarcar aquilo.

"Pense nisso", disse o comissário. "É a sua oportunidade de continuar a fazer parte da história humana."

—oOo—

Jacquie. Tão alta como eu, com a compleição de uma atleta natural. O cabelo escuro, cortado em comprimentos diferentes, dava-lhe um ar selvagem, um ar rebelde. Amar Jacquie era como perseguir sonhos à primeira luz da madrugada: era esquivo, divertido, sempre em ânsias por abraçar.

"Amo-te para sempre", murmurava ela ao meu ouvido na doce ressaca da paixão. E por vezes: "Iria atrás de ti até aos fins do mundo, meu amor."

"Até Marte?" perguntei-lhe um dia. Toda a minha vida formava um caminho nessa direcção, rumo ao êxodo. Ela devia sabê-lo, e no entanto a pergunta pareceu apanhá-la de surpresa.

Mais tarde: "Assusta-me", disse ela.

"Ficar aqui assusta-me mais", disse-lhe. Aqui na Europa do Norte tínhamos a sorte de estar numa região relativamente estável, mas não demoraria muito até que o caos desabasse sobre nós, a praga e a guerra e as carências destruindo tudo.

"Não, não é isso."

"Que é, então?"

"A selecção", disse-me, lágrimas a transbordar dos seus grandes olhos escuros. "Tu tens as capacidades, o treino: eles nunca poderão recusar-te".

Percebi onde ela queria chegar. "Tu és inteligente", disse-lhe. "Tens experiência médica. Seriam loucos se não te oferecessem um lugar".

"Eu abandonei a faculdade", lembrou-me. "Não conseguia ver nela um objectivo: vai acabar tudo, não vai?"

Com afagos, limpei-lhe lágrimas das bochechas, com beijos removi o sal. "Uma promessa", disse-lhe. "Um pacto: ou vamos juntos ou não vamos. Nunca poderia deixar-te".

Falava verdade: nem tinha considerado a possibilidade de a deixar para trás. Abandonaria tudo pelo meu amor, Jacquie.

—oOo—

"Mais importante do que isso, as sondas iam equipadas com conjuntos de sensores ecológicos ... As observações mostraram que, embora a vida seja com certeza abundante no nosso planeta irmão, a sua natureza é primitiva, e a maioria é unicelular."

Asimov's Guide to Science, Isaac Asimov

—oOo—

A dor diminui com a passagem do tempo, os anos apagam as memórias uma a uma.

Mas uma delas se mantém forte: a cara de Jacquie, uma expressão que não consegui entender. De facto, não tenho a certeza, mesmo agora, de entender a mistura complexa de emoções que a fizeram pôr o ar que pôs quando a Comissão lhe disse que podia ir para Marte.

Triunfo, claro: "Ofereceram-me um lugar na passagem", disse-me.

Suponho que alívio, depois de meses de trabalho e expectativa.

Culpa também, espero. Ela já sabia: "Recusaram-me", disse-lhe. "Chumbei nos físicos".

"Não, não chumbaram", disse ela. "Eu falei com o Comissário Andresson. Tu podes ir *in virtuo*. Eles querem-te, amor. Querem-nos aos dois!"

"Tu vais na mesma, apesar do nosso acordo". Deus, como me senti baixo dizendo aquilo daquela maneira, como me senti baixo por *ter* de dizê-lo.

"Como posso *não* ir? De resto, podemos ir os dois à mesma, só que tu não estarás lá em corpo."

Nessa altura virei a face, incapaz de encontrar um olhar que não podia compreender. As mãos dela rodearam-me a cara, viraram-me a cabeça, e foi a vez de Jacquie me limpar lágrimas das bochechas com afagos, e com beijos remover o sal. "*Podemos ir*", murmurou excitada, faminta. "Podemos ir juntos, amor."

—oOo—

Eu poderia estar agora em Marte, ou pelo menos poderia ter lá uma parte de mim, uma cópia de mim.

Muitos dos que eram enviados *in virtuo* ficariam armazenados por tempo indefinido nos vastos núcleos de memória, em órbita, à espera de que os seus conjuntos específicos de capacidades fossem necessários. Eu, no entanto, tinha garantido um lugar na superfície desde o início: havia necessidade de pessoas como eu, asseguraram-me.

Ou, pelo menos, havia necessidade de *cópias* de pessoas como eu.

Transmitido para um receptor na órbita de Marte numa sequência de impulsos de rádio de alta densidade de dados, eu teria sido reconstituído no núcleo de memória, reconstruído e reenviado para a superfície. Aí, teria sido introduzido na rede neuronal de um sistema agrícola: eu teria pedido qualquer coisa móvel, se bem que não tivesse a certeza de ser atendido. Detestaria ser a inteligência de controlo de uma das vastas cúpulas de crescimento que estão espalhadas pelas cinturas agrícolas. O ideal teria sido um dos *drones* de criação agrícola que trabalham na adaptação das técnicas agrícolas terrestres ao regime de baixa temperatura e baixo teor de nutrientes das terras virgens de Marte: um papel exigente, não um papel protector.

Mas quanto de mim perderia ao passar por tal processo? Quanto de mim seria extirpado na preparação para a transmissão e na adaptação ao meu novo papel?

Em Marte, eu teria um corpo muito mais durável que um de carne e osso. Poderia ver, ouvir, cheirar, tactear e saborear. Manteria o raciocínio, a imaginação, a curiosidade.

Mas pergunto a mim mesmo se sonharia. Sob o meu céu marciano, as estrelas ainda familiares, nada alienígenas. Sonharia?

—oOo—

"Não", disse eu ao comissário. "Não o posso fazer. Não vou deixar que envie para Marte uma cópia diminuída de mim, não foi para isso que dei o nome."

Chegar tão perto era uma das coisas mais dolorosas. Estar lá, se não fosse o órgão inconstante no meu peito.

Ele sorveu ar, e depois: "Espero que reconsidere", disse. "Você seria um membro muito valioso do programa."

Abanei a cabeça, levantei-me devagar da cadeira no gabinete da Comissão de Passagem.

Nada do que ele poderia dizer me convenceria. Eu simplesmente não suportaria estar lá, na superfície de Marte, e no entanto incompleto. Não suportaria estar lá e continuar a preocupar-me.

Pior: não suportaria estar lá e já não me preocupar.

Acho que não culpo a Jacquie por ir. Por quebrar o nosso pacto de amantes. Poderia realmente negar-lhe uma oportunidade dessas?

Permaneço na Terra. E preocupo-me, mesmo hoje, cinco anos passados.

—oOo—

"As oportunidades para aproveitar a biosfera primitiva de Marte podem não ser grandes, mas apresentam-se como uma alternativa viável ao que resta

da biosfera da Terra, devastada por uma revolução industrial rápida tornada demasiado fácil pelos ricos recursos metalíferos do nosso planeta."

Mars Fact Pack, Manual Educativo da UNSA

—oOo—

A festa ferve por trás de nós, segura na cúpula de luxo do Jerry. Pergunto a mim mesmo durante quanto tempo sobreviverá a cúpula. O tempo da opulência já passou. O tempo da maioria das coisas já passou.

Mais uma festa do Fim do Mundo, como se não tivesse importância.

Carmel pega-me na mão, faz-me descer os degraus de pedra. Pés nus, arranhados por areia grossa.

Por vezes ainda é difícil acreditar que isto é mesmo o fim, aqui na nossa bolsa de semi-civilização somos facilmente iludidos. Mas, por trabalhar no Ministério, eu vejo os relatórios, as projecções. Sei tudo sobre as guerras por recursos, o aquecimento, a desertificação que se intensifica: tudo porque fomos amaldiçoados com este planeta rico em recursos. Os metais que fazem vermelhas a areia e as rochas, a superabundância de combustíveis fósseis, tornaram tudo tão fácil.

Puxo Carmel para mim, agarro-me às suas roupas. Tudo o que resta é viver dia a dia. Algo que a nossa espécie conhece bem.

—oOo—

A temperatura é de quarenta graus negativos, com o alinhamento deste vale a servir para aprisionar os raios solares: um sítio adequado para mais um projecto experimental.

Coloco uma porção de solo no Compartimento A, saboreio-a, aqueço-a e cheiro os gases que se soltam. A análise confirma o meu palpite inicial:

o solo é rico — vamos fazer testes aqui, verificando novas variedades adaptadas às frias condições de crescimento.

Trabalho duramente, lavrando o solo incrustado de líquenes.

Mais tarde, faço uma pausa.

Está escuro.

Olho para as estrelas, tão familiares. "Estou em Marte", digo de novo a mim mesmo. Depois olho mais para cima, seguindo a eclíptica, até encontrar o ponto azul que é a Terra.

Interrogo-me como teria dado autorização para que trouxessem uma cópia de mim mesmo para Marte: não consigo recordar-me dos pormenores, mas de algum modo não me parece que o tivesse desejado. Eles tê-lo-iam feito de qualquer maneira, eu sei: não permitiriam que os caprichos pessoais se atravessassem no caminho do que é melhor para o êxodo.

Lembro-me agora de Jacquie. Vejo o seu rosto.

Lembro-me de amar Jacquie.

Sei que ela está em Marte em pessoa. Pergunto a mim mesmo se me seria possível procurá-la, contactá-la.

Pergunto a mim mesmo se o queria fazer.

Notas Bibliográficas

Todos os autores presentes nesta antologia tiveram actividade editorial anterior. Estas notas resumem os destaques principais dessa actividade, com algumas notas incluídas sobre futuras edições.

Maria Helena Bandeira (Brasil) — Não tem, por enquanto, livros publicados em seu nome. Tem contos de FC e fantástico incluídos em antologias — *Crônicas dos Anjos de Prata 2* (Editora Vida e Consciência, 2001) e *Crônicas dos Anjos de Prata 3* (no prelo) — e revistas de nível profissional — o conto *Eu Mesmo* foi publicado no número 19 da *Isaac Asimov Magazine*, tendo sido premiado com o título de conto brasileiro do mês em Abril de 1992 —, além de diversos sites e fanzines, dos quais se destacam o E-nigma, o Somnium, a Scarium, o projecto SLEV, entre outros. Tem também actividade em poesia, mistério e outras vertentes da literatura.

Gabriel Bozano (Brasil) — Estreou-se nos livros com uma novela vendida como e-book ou livro em papel, impresso a pedido, através da editora Writers. *Arcontes* (Editora Writers, 1999) foi seguido por contos publicados em fanzines brasileiros, como o Quark. Venceu o primeiro concurso de contos do fanzine Dragão Quântico na modalidade ficção científica.

Keith Brooke (Reino Unido) — É de longe o mais experiente escritor presente nesta antologia. Publicou quatro romances (*Keepers of the Piece*, *hardback*, Victor Gollancz, 1990; *paperback*, Corgi, 1991; primeira edição

americana no início de 2002, pela Cosmos. *Expatria*, *hardback*, Victor Gollancz, 1991; *paperback*, Corgi, 1992; primeira edição americana em Março de 2001 pela Cosmos. *Expatria Incorporated*, *hardback*, Victor Gollancz, 1992; primeira edição americana em Setembro de 2001 pela Cosmos. *Lord of Stone*, publicado online em 1997; edição revista, *hardback*, Cosmos, Maio de 2001; *trade paperback*, Cosmos, Julho de 2001) e duas colectâneas (*Parallax View*, *hardback*, Sarob Press, Outubro de 2000, escrita em colaboração com Eric Brown. *Head Shots*, *trade paperback*, Cosmos, verão de 2001). É também o editor, com Nick Gevers, de *Infinity Plus one* (PS Publishing, Novembro de 2001) e de *Infinity Plus two* (PS Publishing, no prelo), além do site Infinity Plus e de um número especial da Interzone dedicado ao Infinity Plus. A sua ficção curta apareceu numa longa série de revistas e antologias, incluindo nomes famosos como a Interzone, a Spectrum SF ou a Aboriginal Science Fiction, entre muitas outras. Também escreve não-ficção e livros para crianças (sob pseudónimo).

Jorge Candeias (Portugal) — Estreou-se nos livros com *Sally* (Edições Colibri, 2002), um conto de FC que ganhou uma menção honrosa no Prémio Revelação Manuel Teixeira Gomes de 2001, seguindo-se-lhe a publicação de *Entre a Pureza e o Desejo* na antologia brasileira *Como era gostosa a minha alienígena* (Ano-Luz, 2002) e do conto *O Poeta*, sob pseudónimo, na *Aguasfurtadas 4+5*. Ainda em papel, publicou na revista Paradoxo, no Dragão Quântico, e nos fanzines brasileiros Somnium e Scarium, e tem edições virtuais espalhadas pelo E-nigma, Eventos, Alface Voadora e Webfiction da Simetria. É editor do E-nigma e desta antologia.

João Ventura (Portugal) — Também ainda não tem livros editados em seu nome, mas já se estreou em livro há alguns anos com o conto *A Cinza do Tempo*, incluído na antologia *Contos Fantásticos* (Fantasporto,

1982). Além disso, publicou no E-nigma, na Webfiction da Simetria e no fanzine brasileiro Somnium.